UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - PROFARTES

EWERSON NASCIMENTO DA SILVA

INTERAÇÕES URBANAS: POSSIBILIDADES DA ARTE URBANA NO ENSINO DE ARTES VISUAIS

MANAUS
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRAUDAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - PROFARTES

EWERSON NASCIMENTO DA SILVA

INTERAÇÕES URBANAS: POSSIBILIDADES DA ARTE URBANA NO ENSINO DE ARTES VISUAIS

Artigo apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Artes – ProfArtes UFAM/UEA como requisito final à obtenção do título de Mestre em Arte.

Linha – Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes.

Orientador: Prof. Dr. Valter Frank de Mesquita Lopes

MANAUS
2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S586i

Silva, Ewerson Nascimento da
Interações urbanas : possibilidades da arte urbana no ensino de artes visuais / Ewerson Nascimento da Silva . 2023
71 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Valter Frank de Mesquita Lopes
Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) - Universidade Federal do Amazonas.

1. ensino de arte. 2. arte urbana. 3. interações urbanas. 4. intervenções urbanas. I. Lopes, Valter Frank de Mesquita. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRAUDAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - PROFARTES

EWERSON NASCIMENTO DA SILVA

INTERAÇÕES URBANAS: POSSIBILIDADES DA ARTE URBANA NO ENSINO DE ARTES VISUAIS

Artigo apresentado à Banca para Defesa do Trabalho de Conclusão Curso, junto ao Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES. Linha – Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes.

Aprovado em: / /

BANCA EXAMINADORA

_____
Presidente e Orientadora: Prof. Dr. Valter Frank de Mesquita Lopes

_____
Membro: Prof(a) Dr(a) Edson Rodrigues Macalini - UNIVASF

_____
Membro: Prof(a) Dr(a) Evandro de Morais Ramos – PROFARTES/UFAM

_____
Suplente: Prof(a) Dr(a) Francisco Carneiro da Silva Filho - UFAM

_____
Suplente: Prof(a) Dr(a) Rosemara Staub de Barros – PROFARTES/UFAM

MANAUS
2023

RESUMO

A pesquisa desenvolvida com os estudantes, regularmente matriculados no 9º ano do ensino fundamental II da Escola Estadual Arthur Araújo, partiu da necessidade de verificar a possibilidade de realização de uma atividade artístico/pedagógica fora da sala de aula. Tal iniciativa foi impulsionada pela carência de uma estrutura física adequada (laboratório de Arte) que possibilitasse as produções e o desenvolvimento dos processos de criação em arte dos estudantes da referida escola. O presente estudo objetivou desenvolver junto aos alunos do ensino fundamental II uma nova maneira de se pensar o ensino de arte para além dos limites físicos da escola, por meio de interações com arte urbana. Com isso, pretendeu-se desenvolver estratégias que permitissem a prática com intervenções urbanas (*graffiti art*, estêncil *art*, instalação, entre outras), fortalecendo as ações de práticas pedagógicas para fora da sala de aula, além de promover uma aproximação entre comunidade e ambiente escolar. Os resultados apontam que é possível realizar tais atividades para além dos limites da escola, no entanto as estratégias e o planejamento precisam estar claramente definidos, pois se trata de um processo burocrático administrativamente e pedagogicamente desafiador.

Palavras-chave: Ensino de arte; arte urbana; interações urbanas; intervenções urbanas.

ABSTRACT

The research carried out with students, regularly enrolled in the 9th year of elementary school II at Arthur Araújo State School, started from the need to verify the possibility of carrying out an artistic/pedagogical activity outside the classroom. This initiative was driven by the lack of an adequate physical structure (Art laboratory) that would allow the production and development of the art creation processes of the students of the aforementioned school. This study aimed to develop, together with elementary school II students, a new way of thinking about teaching art beyond the physical limits of the school, through interactions with urban art. With this, it was intended to develop strategies that would allow the practice of urban interventions (graffiti art, stencil art, installation, among others), strengthening the actions of pedagogical practices outside the classroom, in addition to promoting a rapprochement between community and environment school. The results indicate that it is possible to carry out such activities beyond the school limits, however the strategies and planning need to be clearly defined, as it is a bureaucratic process administratively and pedagogically challenging.

Keywords: Art teaching; urban art; urban interactions; urban interventions

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1. Desenvolvimento de atividades no projeto de gravura realizado no Pibid. 10
Figura 2. Intervenção feita a partir de estêncil para atividade final da disciplina pintura I. 11
Figura 3. Realização da oficina de Estêncil, no Projeto de extensão: Expressão artística, um espaço para a gravura 12
Figura 4. Realização da oficina de Estêncil, no Projeto de extensão: Oficinas de Práticas Artísticas: ARTEculando Saberes. 13
Figura 5. Realização da oficina de Estêncil na III Semana Acadêmica do curso de Artes. 13
Figura 6. Realização de oficina de Estêncil Arte na Intervenção artística – Ropóca das cores. 14
Figura 7. Entrega do certificado de Professor Destaque conferido pela Instituição de Ensino Centro Educacional de Tempo Integral Dom Jorge Edward Marskell. 15
Figura 8. Apresentação do projeto de pesquisa aos estudantes. 36
Figura 9. Aula explanatória sobre o espaço urbano. 37
Figura 10. imagem do livro didático. Artista de referência Eleonora Fabião. 39
Figura 11. Artista de referência: Raiz Campos. 40
Figura 12. Artista de referência Curumiz 41
Figura 13. Estudantes produzindo os esboços para os cartazes. 43
Figura 14. Estudante produzindo cartazes. 43
Figura 15. Estudante produzindo cartazes. 44
Figura 16. Imagem do cartaz feito para a exposição. 45
Figura 17. Registro feito pelo Estudante 1 para a exposição 45
Figura 18. Registro feito pelo Estudante 2 para a exposição 46
Figura 19. Registro feito pelo Estudante 3 para a exposição 46
Figura 20. Registro feito pelo Estudante 1 para a exposição 47
Figura 21. Registro feito pelo Estudante 4 para a exposição 47
Figura 22. Imagem de referência para a intervenção com Estêncil 48
Figura 23. Estudante fazendo recorte das matrizes de Estêncil. 49
Figura 24. Artista convidado ministrando a oficina de graffiti. 50
Figura 25. Estudantes experimentando materiais de graffiti. 50
Figura 26. Estudantes experimentando materiais de graffiti. 51

Figura 27. Estudantes experimentando materiais de graffiti. 51
Figura 28. Estudantes experimentando materiais de graffiti. 52
Figura 29. Estudante realizando a intervenção com cartazes. 54
Figura 30. Estudante realizando a intervenção com cartazes. 55
Figura 31. Estudante realizando a intervenção com cartazes. 56
Figura 32. Cartaz da intervenção com cartazes. 57
Figura 33. Estudante colando o cartaz da instalação com exposição fotográfica 58
Figura 34. Estudante montando a exposição fotográfica. 59
Figura 35. Estudante montando a exposição fotográfica. 60
Figura 36. Imagem da exposição fotográfica: outros olhares. 61
Figura 37. Estudante aplicando tinta spray sobre matriz de estêncil. 62
Figura 38. Estudante preparando a matriz de estêncil para a intervenção. 63
Figura 39. Estudante aplicando tinta spray sobre matriz de estêncil. 64
Figura 40. Estudante aplicando tinta spray sobre matriz de estêncil. 65
Figura 41. Professor orientando a atividade. 66
Figura 42. Resultado final da Intervenção com Estêncil. 67

SUMARIO

1. INTRODUÇÃO 6

2. O QUE ME TROUXE ATÉ AQUI 9

3. APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO COMO LUGAR DE PRODUÇÃO EM ARTE 17

3.1. CIDADE, ESPAÇO URBANO 17

3.2. O LUGAR DA ARTE: ARTE PÚBLICA/ ARTE URBANA 20

3.2.1. Arte pública 21

3.2.2. Arte urbana 22

4. METODOLOGIA 24

5. PROPOSTAS PARA O ENSINO DE ARTE 27

5.1. AÇÕES METODOLOGICAS PARA O ENSINO DE ARTE 29

6. DISCUSSÕES E RESULTADOS 31

6.1. DIFICULDADES DA PESQUISA 32

6.1.1. Reforma do ensino médio “novo ensino médio" 32

6.1.2. Implementação do novo conselho escolar. 33

6.1.3. Burocracias e mais atrasos no desenvolvimento das ações práticas 34

6.2. DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO ENSINO DE ARTE URBANA 35

6.2.1. Um pouco de teoria: espaço urbano, arte urbana e artistas de referencia. 35

6.2.1.1. Aula teórica sobre o conceito de espaço urbano 36

6.2.1.2. Aula teórica sobre o conceito de arte urbana 37

6.2.1.3. Artistas de referencia: eleonora fabião, raiz campo e curumiz 38

6.2.2. Exercitando um pouco de prática: experimentos e mini oficinas. 42

6.2.2.1. Experimentos: experimentando materiais e possibilidades 42

6.2.2.2. Mini oficina – oficina de graffiti 49

6.2.3. Ações práticas finais 52

6.2.3.1. Atividade de prática artístico/pedagógico 1: intervenção com cartazes - “não converso sobre qualquer assunto, mas se isso te ajuda...”. 54

6.2.3.2. Atividade de prática artístico/pedagógico 2: instalação com exposição fotográfica - “outros olhares”. **57**

6.2.3.3. Atividade de prática artístico/pedagógico 3: intervenção com estêncil art **62**

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS **68**

REFERÊNCIAS **69**

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho colocou em discussão a temática de Arte urbana para além dos limites físicos da escola, no contexto de uma escola pública de Manaus-Am, a Escola Estadual Arthur Araújo, possibilitando uma compreensão sobre os desafios e possibilidades que o professor de Arte enfrenta ao elaborar uma atividade fora da escola.

O ponto de partida dessa pesquisa decorreu de uma problemática comum encontrada na maioria das escolas da rede pública de ensino da capital Manaus: a falta de estruturas físicas como os laboratórios para realização de experimentos com finalidades pedagógicas, e no caso do componente de Arte, artístico-pedagógicos. Partindo dessa problemática, surgiu então a necessidade de propor uma atividade que possibilitasse a ação de criar, produzir e expor, oferecendo à comunidade acesso ao que está sendo produzido quanto ensino de arte no ambiente escolar. Inúmeras questões passaram a fazer parte desse desafio para contornar tal situação: Como fazer? Que material usar? Onde fazer? Quais estratégias e métodos?

Fazendo uma análise de currículo sobre os conteúdos ofertados no ensino regular, em Arte, para o Ensino Fundamental II, anos finais, na Proposta Curricular e Pedagógica (PCP) Referencial Curricular Amazonense (RCA) e elencando isso ao interesse deste professor/pesquisador pela manifestação artística em questão conseguimos alinhar uma proposta em Arte Urbana.

A escolha pela arte urbana se deu principalmente pelo seu caráter exploratório do espaço público, intervindo e modificando o cotidiano das pessoas que frequentam esses espaços. Outro fator que se deu pela necessidade desse tipo de abordagem são os aspectos políticos, sociais e culturais intrinsicamente ligados a esse modelo de manifestação. As intervenções urbanas lançam no espaço público questões que provocam discussões na população fazendo com que as pessoas parem sua rotina alguns instantes, seja para questionar, criticar, refletir ou simplesmente apreciar o produto artístico em questão. Sua finalidade é provocar o público para questões políticas, sociais, ideológicas e estéticas. (IMBROISI, s.d.).

A proposta dessa pesquisa pretendeu responder à seguinte questão: seria possível o professor juntamente com os alunos realizarem uma experimentação em arte urbana fora do espaço escolar? Para verificar a possibilidade de realizar uma atividade para além dos limites físicos da escola foram estabelecidos os seguintes objetivos: desenvolver junto aos alunos do ensino fundamental II uma nova maneira de se pensar o ensino de arte para

além dos limites físicos da escola, através de interações com arte urbana. Elencar autores/artistas que abordam a temática de intervenção urbana; levantar reflexões sobre o contexto do espaço urbano e suas interações com a arte; desenvolver atividades práticas em artes urbanas com alunos do Ensino Fundamental II; realizar intervenções artístico/pedagógicas no entorno da escola; apresentar os resultados dos experimentos à comunidade.

A intervenção ocorreu na escola Estadual Arthur Araújo com alunos regularmente matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental II, Anos Finais. A escolha pela escola e o nível de ensino se deram por alguns motivos específicos que serão relatados no capítulo 04. Dentre os quais podemos mencionar a reforma do Novo Ensino Médio, faixa etária e conteúdos relacionados ao interesse da pesquisa.

Muitos desafios ocorreram ao longo do processo dessa pesquisa, desafios que foram além da vontade do professor/pesquisador e do interesse da escola, problemas que perpassavam a hierarquia do poder da escola de tomar decisões. Além desses desafios de caráter administrativo tínhamos que nos preocupar também com os aspectos climáticos peculiares da nossa região, uma vez que a localização geográfica do estado do Amazonas (próximo a linha do equador) ligado ao bioma amazônico são fatores que interferem diretamente no nosso clima que é considerado equatorial quente e úmido. O excesso de calor e umidade resulta também em muitas chuvas o ano inteiro. Ou seja, um dia de muito calor pode ser um problema e um dia de chuva por si só já é um impeditivo para a realização de atividades externa à escola.

A presente pesquisa apresenta-se como uma pesquisa-ação com abordagem qualitativa e visa descrever todas as etapas de desenvolvimento da pesquisa que pretende realizar uma ação prática em arte urbana, além dos limítrofes do espaço escolar. Este estudo está estruturado em 04 capítulos. O primeiro capítulo discorre acerca da trajetória pessoal deste professor/pesquisador que se entrelaça com seu fazer artístico, profissional e, que, se debruça em seu interesse pela pesquisa. No segundo capítulo, consideram-se alguns apontamentos teóricos concernentes à relação entre o espaço urbano e sua relação com a arte. No terceiro capítulo, apresentam-se algumas metodologias para o ensino de arte. E por fim, o quarto capítulo que traz a análise e discussão dos resultados da pesquisa.

Portanto, esse trabalho apresenta-se de grande relevância, tanto no aspecto social, artístico e científico educacional, elevando as estratégias de fortalecimento de ações para além da sala de aula, de maneira a contribuir para o desenvolvimento de uma

aprendizagem significativa em arte, estimulando os estudantes para uma visão mais sensível no que diz respeito às artes urbanas.

2. O QUE ME TROUXE ATÉ AQUI

Desde quando iniciei a minha vida acadêmica, dos primeiros anos da minha vida até hoje, sempre acreditei no poder de transformação que a educação e a arte têm na vida do ser humano. Muito disso é reflexo de todo o incentivo e esforços que meus pais, ainda que indiretamente, proporcionaram-me para ter acesso à educação escolar. Minha mãe, uma dona de casa que largou tudo para cuidar exclusivamente da família, foi a maior responsável por cuidar diretamente da educação e do ensino, sejam eles, éticos, morais e humanos, dos setes filhos. Enquanto meu pai, um homem trabalhador, dedicou todos os seus esforços físicos para nos manter na educação escolar.

Ainda na minha infância no interior do estado do Amazonas, na cidade de Itacoatiara, local onde nasci e vivi até a idade adulta, trago fortes lembranças que me trouxeram até aqui. Lembro-me da época em que meu pai, um operário de uma fábrica, trazia enormes blocos de folhas de papel que tinham a dimensão de mais ou menos 80x60cm da empresa madeireira em que trabalhava. Eram folhas que mais pareciam blocos de notas fiscais, com um aspecto de documento de veículos automotivo que, de um lado, entonava um leve verde bem claro com muitos algoritmos e, do outro lado, um enorme branco que me convidava a mergulhar na imaginação e preencher todas as dimensões daquela folha colorindo e desenhando. Esse ato, talvez inocente ou proposital, despertou-me para o mundo da arte.

Aos três anos de idade, ingresso no Ensino Regular e parte do ser humano que sou hoje, em boa parte, deve-se a esse período. A Educação Básica me possibilitou acesso ao conhecimento científico e, também, apresentou-me ao mundo sensível, a descoberta pela arte, pela filosofia, sociologia e a história, minha área de interesse de estudo. O caráter humanizador da educação me fez enxergar muito cedo o poder de transformação que a educação tem na vida do ser humano.

Em 2013 iniciei minha trajetória acadêmica quando ingressei no curso de licenciatura plena em Artes Visuais, pela Universidade Federal do Amazonas, Campus Parintins. Todo meu percurso quanto professor/artista se inicia ainda na graduação. Na ocasião, enquanto acadêmico, tive a oportunidade de participar de várias atividades de extensão e projetos de pesquisa no campo da educação, ministrando oficinas de artes a fim de desenvolver a práxis docente. Essas atividades extracurriculares sempre me guiaram em direção às artes urbanas, visto que sempre enxerguei nessas manifestações do espaço urbano um claro e evidente potencial artístico, educativo, político e social.

No ano de 2015, por meio de processo de seleção, ingresso no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID[1], fomentado pela CAPES. Essa experiência em sala de aula que se valeu por dois anos até 2017, foi de fundamental importância para a minha formação enquanto arte-educador. Ao longo do programa, por meio de projetos de pesquisa-ação, em especial o de Gravura na Escola (Figura 1) tive a oportunidade de participar do maior congresso de arte-educadores do país, o CONFAEB,[2] com a publicação e apresentação do artigo intitulado Gravura na Escola: uma proposta pedagógica para o ensino fundamental. Em decorrência do programa de iniciação à docência pude ter um pouco mais de clareza de como se dá o processo de ensino e aprendizagem e criação em artes com alunos de escolas públicas.

Figura 1. Desenvolvimento de atividades no projeto de gravura realizado no Pibid.

Fonte: Fotografia de autoria do pesquisador. Arquivo pessoal, 2017.

A vontade de traçar um caminho voltado para as intervenções urbanas e seus desdobramentos junto à educação surge por volta do 4º período da faculdade, na disciplina

[1] O PIBID é uma iniciativa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES que surge a partir do decreto nº 7.219, de 24 de julho de 2010. Como uma ação que visa o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica. O programa concede bolsas aos acadêmicos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência, desenvolvidos por Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino.

[2] CONFAEB – Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil

de pintura II, ao qual tínhamos que apresentar um projeto-ação como atividade final da disciplina. Naquela ocasião, veio a mim a ideia de pensar o espaço urbano como uma possibilidade para o desenvolvimento estético e criativo que exigia a atividade, surgindo assim o projeto intitulado “Pedestres invisíveis”, como mostra a figura 2 abaixo. Comecei a pesquisar mais sobre o assunto, relacionado às artes urbanas, em especial as intervenções urbanas e, a partir de então, outras atividades relacionadas ao tema foram se desenvolvendo com o decorrer do curso.

Figura 2. Intervenção feita a partir de estêncil para atividade final da disciplina pintura I.

Fonte: fotografia elaborada pelo pesquisador. Arquivo pessoal, 2015.

Outras atividades de extensão ligadas à prática docente e à prática artística nas quais atuei ministrando oficinas de arte junto à comunidade foram os Projetos de Extensão: Expressão artística, um espaço para a gravura e Oficinas de Práticas Artísticas: ARTEculando Saberes. Ambos projetos de extensão ministrando oficinas de intervenções urbanas e *stêncil art* (figuras 3 e 4). Por conseguinte, durante a III Semana Acadêmica do curso de Artes Visuais participando como instrutor de oficina de estêncil (figura 5). Por fim, como instrutor na oficina de estêncil arte, na Intervenção artística: Ropóca das cores (figura 6). Esta última em uma parceria com a Secretaria Municipal de Cultura de Parintins.

Seguem abaixo alguns registros das oficinas realizadas durante o período da graduação em licenciatura plena em Artes Visuais nos projetos de extensão do curso, citados no texto acima.

Figura SEQ Figura * ARABIC 3. Realização da oficina de Estêncil, no Projeto de extensão: Expressão artística, um espaço para a gravura

Figura 4. Realização da oficina de Estêncil, no Projeto de extensão: Oficinas de Práticas Artísticas: ARTEculando Saberes.

Fonte: fotografia elaborada pelo pesquisador. Arquivo pessoal, 2016

Figura 5. Realização da oficina de Estêncil na III Semana Acadêmica do curso de Artes.

Fonte: fotografia elaborada pelo pesquisador. Arquivo pessoal

Figura 6. Realização de oficina de Estêncil Arte na Intervenção artística – Ropóca das cores.

Fonte: fotografia elaborada pelo pesquisador. Arquivo pessoal, 2017.

Em março de 2018 encerro com a colação de grau o curso de licenciatura plena Artes Visuais. Em maio do mesmo ano, assino contrato como professor temporário junto ao Governo do Estado, na SEDUC, lotado no Centro Educacional de Tempo Integral Dom Jorge Edward Marskell, no município de Itacoatiara - Am. De início, atuei lecionando as disciplinas de Filosofia e Direito e Cidadania e, posteriormente, com as disciplinas de Sociologia e Metodologia do Estudo, o que me conferiu um certificado/prêmio de "Professor Destaque" na Instituição (figura 7). Na referida escola atuei permanecendo no quadro de professores até o final do contrato em dezembro de 2019.

Figura 7. Entrega do certificado de Professor Destaque conferido pela Instituição de Ensino Centro Educacional de Tempo Integral Dom Jorge Edward Marskell.

Fonte: autor desconhecido. Arquivo pessoal, 2018.

Ainda em 2018 prestei concurso público para cargo de professor de Arte pela Secretaria de Estado de Educação e Desporto – SEDUC, em que no ano de 2020 tomei posse da vaga. No entanto, a prática efetiva ministrando aulas de artes ocorreram em um

curto período de tempo de apenas 07 (sete) semanas a contar do dia 03 de fevereiro até o dia 16 de março de 2020, tendo as aulas paralisadas por conta da Pandemia Covid-19 que assolou o mundo inteiro, impedindo uma participação efetiva e prática dentro da sala de aula. Sendo assim, nesse período foi possível fazer um pequeno levantamento diagnóstico da escola, tais como, o público atendido pela escola, faixa etária, condições de estrutura física do prédio e entre outros fatores que julgo ser importante para o desenvolvimento das atividades ao longo do período letivo.

Em março de 2021, ingresso no curso de pós-graduação da Universidade Federal do Amazonas/ Universidade do Estado do Amazonas em parceria com a Udesc, no programa de Mestrado Profissional em Artes – ProfArtes. Propus dentro do programa fazer um levantamento sobre as possibilidades de ensino para além dos espaços físicos da escola com vistas às artes urbanas. A pesquisa direciona-se aos alunos do 9º ano do ensino Fundamental II regularmente matriculados na Escola Estadual Arthur Araújo, tendo como ponto de partida a arte urbana no ensino de Arte no Amazonas e visa contribuir para os estudantes uma nova maneira de se pensar arte que ultrapassasse o espaço escolar, destacando as principais possibilidades e dificuldades que o professor enfrenta ao promover uma atividade extraclasse.

Em suma, minha linha do tempo como arte-educador se deu em grande parte ainda na graduação e minha experiência em sala de aula com outros componentes curriculares. O que podemos observar que durante a graduação em Artes Visuais, nós, enquanto acadêmicos, presenciamos várias possibilidades de ensino de arte, mas muitas das vezes ligados a projetos que na sua maioria não se aplicam à realidade escolar. Nesse sentido, o Programa de Mestrado ProfArtes revelou-se como uma grande oportunidade, levando em consideração todo o conhecimento e práticas desenvolvidas no espaço acadêmico para experimentar e desenvolver pesquisa no campo da arte-educação, de maneira a promover e reforçar minhas as ações em sala de aula.

3. APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO COMO LUGAR DE PRODUÇÃO EM ARTE

A arte sempre esteve presente como parte indissociável do desenvolvimento humano dentro das suas mais diversas manifestações de expressão, comunicação e cognição. Da mesma maneira, como parte do desenvolvimento humano, a arte também se mostra inteiramente imbricada nos processos de construção do urbanismo ocidental. As relações entre a cidade e a arte remontam à antiguidade, na Grécia antiga a arte pública caminha em consonância com o conceito de cidadania, pois ela busca ressaltar os valores cidadãos e o sentimento de cidadania, de orgulho e de pertencimento a uma comunidade por meio da escultura e da arquitetura, esta última pública por excelência. No Império Romano, a Arte Pública recebe novas influências regionais, mas continuar a apresentar-se como uma arte cujo propósito principal é "ensinar" e difundir os bons valores da elite cidadã, sempre unidirecional. No período medieval, a Arte Pública praticamente desaparece, e o pouco que resta também acolhe esta função de ensinamento (MARZADRO, 2013).

Assim, aqui iremos pensar a arte dentro dos aspectos urbanos e públicos na nossa contemporaneidade, traçando uma linha em direção à percepção da dimensão que a arte toma na medida em que se apropria dos espaços públicos como lugar de criação, produção e reflexão em arte. Nesse sentido, compreender a arte produzida nesses espaços nos leva, de imediato, a pensar como se constrói esse espaço urbano, e muito mais diretamente, a cidade.

É dentro desse cenário complexo de apropriações, informações e contradições que buscamos entender nos subcapítulos a seguir, o conexo da arte urbana e suas interferências na vida dos agentes transeuntes da cidade, determinando seu lugar dentro do sistema dialógico entre cidade, espaço urbano, espaço público e arte urbana.

3.1. CIDADE, ESPAÇO URBANO

O intuito aqui, nesse subcapítulo, não é fazer um estudo geográfico sobre o espaço urbano - pois, não cabe a este estudo, por exemplo, compreender e realizar proposições acerca do espaço urbano e seus processos construtivos e, sim, fazer um levantamento breve do que os diferentes autores que atuam, principalmente, no campo da geografia urbana, pensam sobre a forma como se constrói e se produz o espaço urbano. O que queremos nesse momento abordando a questão do espaço urbano é, apenas,

levantar dados, de forma simplificada sobre a composição do espaço urbano dentro da visão de estudiosos do tema em questão. A necessidade de se entender um pouco sobre esses conceitos do espaço urbano é essencial para que possamos entender o lugar da arte dentro desse constante processo de reorganização espacial, que envolve um conjunto de transformações, de relações sociais, conflitos, símbolos, fragmentações, articulações e lutas.

Falar de espaço urbano trazendo para dentro de uma abordagem universal parece ser bastante ousado, pois de acordo com Cecilia Santos (2009) em toda sociedade o espaço é visto de uma forma que estará ligada as suas concepções sociais e culturais. Nesse sentido, a ideia de espaço urbano pode ser entendida de diferentes maneiras por diferentes sociedades e culturas. A autora ainda enfatiza que "Discorrer sobre o conceito do espaço urbano e também sobre o conceito de cidade é um viés um tanto complexo e polêmico". (SANTOS, 2009 p.180). Por outro lado, como mencionado anteriormente, o propósito aqui não é fazer um estudo geográfico, mas entender o conceito de espaço urbano em sua essência, criando um cenário possível para a discussão acerca do lugar da arte dentro desse contexto espacial, o espaço urbano.

Em seu livro "A natureza do espaço" Milton Santos (2006) considera que no começo da história da humanidade toda configuração territorial eram apenas um "conjunto de complexos naturais" (p. 39) que na medida em que se desenvolve a história do homem sua configuração territorial é dada pelas transformações dos homens nesses espaços: estradas, plantações, casas, depósitos, portos, fabricas, cidades, entre outras. Assim, criam-se novos territórios, cada vez mais um produto histórico, substituindo uma configuração natural por uma inteiramente humanizada. "O espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e a seus habitantes.". (SANTOS, 2006, p. 39).

O autor considera ainda que o espaço se constitui de um conjunto de sistemas de objetos e sistemas de ações indissociáveis em suas inter-relações. De acordo com Santos (2006):

> O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois, cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina. Através da presença desses objetos técnicos:

> hidroelétricas, fábricas, fazendas modernas, portos, estradas de rodagem, estradas de ferro, cidades, o espaço é marcado por esses acréscimos, que lhe dão um conteúdo extremamente técnico. (p. 39)

Cilícia Santos (2009) enfatiza a colocação anteriormente mencionada por Milton Santos (2006) destacando ainda as relações simbólicas do capitalismo "A produção do espaço urbano está intimamente ligada ao jogo de interesses entre os seus agentes e partícipes, fruto das relações simbólicas e contraditórias do capitalismo em suas múltiplas facetas.". (SANTOS 2009, p. 181). A autora segue afirmando ainda, que o espaço urbano é construído no meio que antes era natural, produzindo um espaço artificial, manipulado numa teia de ações sociais onde as relações entre os atores envolvidos nem sempre resultarão na aplicabilidade das soluções que visem os anseios da maioria. (SANTOS, 2009). Como nos expõe a seguir:

> Enfim, a produção do espaço urbano segue os ditames do capital. O capital se reproduz no espaço artificial e a partir daí gera industrialização, urbanização, metropolização, segregação e exclusão socioespacial. (SANTOS, 2009, p. 182).

Outra visão a ter em conta é a de Corrêa (2004). Esse autor considera o espaço urbano como um produto resultado de ações engrenadas por agentes que produzem e consomem o espaço. Nesse âmbito, tais agentes atuam em conformidade com os interesses do capitalismo e acúmulo de capital. Esse espaço, ainda que fragmentado é articulado, é também reflexo e condicionante social, cheio de símbolos e campos de luta.

> O espaço urbano capitalista – fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campos de lutas – é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço. São agentes sociais concretos, e não um mercado invisível ou processos aleatórios atuando sobre um espaço abstrato. A ação desses agentes é complexa, derivando da dinâmica de acumulação de capital, das necessidades mutáveis de reprodução das relações de produção, e dos conflitos de classe que dela emergem. (CORRÊA, 2004, p. 11).

Dentro desse cenário contextualizado pelo autor, a cidade é um exemplo das ações desses agentes que produzem e consomem espaço, entendendo a cidade como fragmento do espaço urbano. Dessa maneira, o espaço de uma grande cidade capitalista constitui-se, primeiramente, no conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si. Os usos dessas terras definem diferentes áreas, como o centro da cidade - local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão; áreas industriais, áreas residenciais distintas, áreas de lazer e áreas de reserva para futura expansão entre outras.

Este complexo conjunto de usos da terra é, em realidade, a organização espacial da cidade ou, simplesmente, o espaço urbano, que aparece assim como espaço fragmentado (CORRÊA, 2004).

> É preciso considerar, entretanto que, a cada transformação do espaço urbano, este se mantém simultaneamente fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, ainda que as formas espaciais e suas funções tenham mudado. (CORRÊA, 2004, p. 11).

Com base nos conceitos sobre espaço urbano apresentado por esses autores, podemos, dessa forma, tecer uma ideia de espaço urbano como um conjunto complexo de relações entre as transformações dos espaços naturais pelo homem ao longo da história da humanidade, as relações simbólicas frutos do capitalismo e as fragmentações articuladas desses espaços dos quais podemos exemplificar a cidade.

3.2. O LUGAR DA ARTE: ARTE PÚBLICA/ ARTE URBANA

É dentro desse cenário urbano - a cidade, que pretendemos tecer uma discussão sobre o lugar da arte nos espaços urbanos e públicos, tratando de questões, como: arte pública, arte urbana e interações urbanas. “É inevitável que tenhamos de nos debruçar sobre a cidade e, particularmente, sobre o espaço público urbano, na medida em que consideramos que este é o espaço vital onde estas produções estéticas ganham forma e adquirem sentido.”. (CAMPOS e CÂMARA, 2019, p. 21).

Antes de entrarmos, de fato, em uma compreensão da relação entre espaço público, arte pública e arte urbana, tomemos como ciência, a existência de divergências entre autores em face destes conceitos, como veremos a seguir. Dentre as divergências do modo como compreende-se a arte pública, em um dos casos, a arte pública pode ser compreendida como a arte que é de livre acesso, portanto, aquelas pertencente às instituições de visitação pública, acervos de museus e outras. Em outro caso, a arte pública pode ser compreendida como aquela que está localizada no espaço público, deste modo muito mais difuso pela complexidade do uso do contexto de espaço público. Assim, podemos considerar que arte pública e arte urbana, podem, de certa forma, estarem interligadas na dubiedade de seus conceitos.

Como o propósito dessa discussão não está pautada em compreender as diferentes interpretações destes conceitos, e sim, de discorrer sobre as possibilidades de se pensar a produção em arte nos espaços públicos e urbanos, começaremos, portanto, nossa discussão falando de Arte Pública e, depois, a Arte Urbana

3.2.1. Arte pública

Por uma busca rápida na internet é fácil encontrar conceitos que apontam que a Arte Pública pode ser considerada toda forma de manifestação artística pensada fora dos espaços institucionalizados dedicados à arte como, galerias e museus. Essas produções podem ser efêmeras ou permanentes, das quais podemos mencionar as esculturas, painéis murais, instalações e intervenções como jardins, mobiliário urbano, arte conceitual e relacional, entre outras.

O site LAART (2020) considera que: “Em linhas gerais, a arte pública é aquela que acontece fora dos ambientes comuns em que as obras estão presentes, como museus e galerias. Ou seja, representam esse estilo obras que fazem parte do **cenário público** das cidades.”.

Por outro lado, a enciclopédia Itaú Cultural (2021) refere-se à Arte Pública sob duas óticas, o sentido literal e o sentido usual. No sentido literal esse conceito, “seriam as obras que pertencem aos museus e acervos, ou os monumentos nas ruas e praças, que são de acesso livre”. Em seu sentido mais usual a Arte Pública é “à arte realizada fora dos espaços tradicionalmente dedicados a ela, os museus e galerias”.

O que hoje conhecemos como Arte Pública começa a se configurar a partir das políticas de regeneração dos espaços após os efeitos Segunda Guerra Mundial “a exemplo de países como Inglaterra e Alemanha, revelaram a necessidade de reconstruir vários espaços urbanos” (PAIVA; SCHICCHI, 2019, p. 03). Desta maneira, abriu-se caminho para profundas modificações na política urbana europeia, promovendo o debate sobre a melhoria dos espaços urbanos e renovação urbana. Como destaca Remesar e Silva (2010).

> O que hoje chamamos Arte Publica terá emergido no primeiro período analisado. Durante séculos a relação entre a Arquitectura e a Escultura era mediatizada· através do objecto escultórico, a estatuária na sua forma volumétrica ou de relevo, nas suas funções comemorativas (monumento) e nas suas funções ornamentais. (p. 91)

Os autores acrescentam que:

> Algo similar pode ser dito da arte pública. Conjunto de práticas que, sob o ponto de vista urbano, tem como missão “embelezar a cidade", "aproximar a arte contemporânea" dos cidadãos e, também, com a mudança de formas pertinentes aos tempos, manter viva a tradição da “comemoração" e do resgate da memória das personagens. pessoas e lugares de uma cidade. (p. 83)

A Arte Pública, nesse sentido usual, atua como agente de transformação dos espaços públicos nos grandes centros das cidades e metrópoles modificando a paisagem

urbana nas suas funções comemorativas e ornamentais “Como exemplo disso, temos a escultura, a qual era inserida em locais públicos e produzida com materiais nobres, como o mármore e o bronze”. (Lurdi Blauth; Andrea Christine Kauer Possa, 2012, p. 147). Por outro lado, em seu sentido literal garantindo acesso livre e público a obras de arte em galerias, museus e praças, e arquitetônicas visivelmente ligadas à fachada de construções, mobiliário urbano, praças e jardins.

3.2.2. Arte urbana

Em contrapartida, Arte Urbana pode ser relacionada a uma prática mais abrangente em relação à ideia de Arte Pública. Campos e Câmara (2019) a definem que “a Arte Urbana é um conceito genérico”, ou seja, este conceito está inteiramente ligado às inúmeras manifestações artísticas que ocorrem nas ruas, nos espaços públicos e privados, no espaço urbano. Um outro fator que assegura esse distanciamento sobre os conceitos de Arte Urbana e Arte Pública é o caráter dinâmico, democrático e acessível que propõem as suas intervenções. A arte urbana sai dos grandes centros urbanos e invade de maneira mais acentuada nas grandes periferias e subúrbios através dos piches, dos *graffiti*, cartazes lambe-lambes, intervenções, performance artísticas, malabarismo, dança de rua, entre outros.

Esse caráter dinâmico e democrático se estende nas falas de Campos e Sequeira (2018) que apontam que:

> Podemos até afirmar que a arte urbana se constitui como uma expressão que atravessa o domínio estrito da rua e do espaço público, estando fortemente presente no espaço mais elitista da galeria e do museu, mas também nos domínios populares e democráticos da internet, da televisão, da publicidade ou da imprensa escrita [...] assumindo o seu lado popular, democrático e acessível. (CAMPOS e SEQUEIRA, 2018, p. 80).

Pallamin (2000) destaca que os significados da arte urbana se desdobram nas múltiplas relações exercidas por ela, e seus valores em relação ao público são tecidos pelos modos de apropriação da coletividade. De acordo com o autor, nesse sentido, a arte urbana pode trazer incertezas quanto a sua definição trazendo questões difusas em relação as transformações dos espaços urbanos pelas práticas artísticas. “Tais práticas artísticas podem contribuir para a compreensão de alterações que ocorrem no urbano, assim como podem também rever seus próprios papeis diante de tais transformações” (PALLAMIN, 2000, p. 19).

A partir da década de 1960 os artistas ligados principalmente à arte urbana começaram a romper com modelos de arte ligadas ao espaço urbano, provocando novas implicações quanto a legitimação da arte, como é o caso do *graffiti*.

> As transformações geradas pelas intervenções artísticas no espaço urbano, a partir dos anos 1960, são oriundas de preocupações que motivaram artistas a romper com espaços convencionais destinados à exposição de suas obras, como os museus e as galerias de arte, buscando outros territórios para realizarem suas experiências. Essas mudanças geraram novas interrogações em suas ações artísticas, transformando as concepções em relação ao espaço, local e lugar e, fundamentalmente, ampliaram as interferências no espaço urbano. (BLAUTH; POSSA, 2012, p. 146)

De acordo com Campos e Câmara (2019) a arte urbana está indiscutivelmente associada à paisagem visual da cidade e as diferentes formas de marcação, ornamentação e participação no espaço público. O relevo dos significados das obras de arte urbana e sua concretização no domínio público dão-se em meio a espaços permeados de interdições, contradições e conflitos. (PALLAMIN, 2000, p.24)

Podemos concluir que apesar de ambas as nomenclaturas Arte Pública e Arte Urbana apresentarem divergências e convergências em determinados momentos e, muitas vezes, parecem se confundirem em seus conceitos, cabendo ao leitor interpretá-las a seu modo, não foi esse o propósito desse levantamento, mas compreendê-las na dubiedade de seus conceitos a sua síntese comum, a apropriação do espaço urbano.

4. METODOLOGIA

A presente pesquisa trata-se de uma pesquisa-ação com abordagem qualitativa. A escolha da referida abordagem se deu pela necessidade do encontro entre o pesquisador e o ambiente pesquisado, estabelecendo uma relação dinâmica com os elementos que contribuiram para a efetivação do estudo. Na pesquisa qualitativa há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave.

Observa-se que a abordagem qualitativa é pertinente para esse estudo com base na aproximação do pesquisador com o ambiente pesquisado, uma vez que será realizada no próprio ambiente de trabalho, a escola.

Para isso Michel (2009) considera que:

> A pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica, particular, contextual e temporal entre o pesquisador e o objeto de estudo. Por isso, carece de uma interpretação dos fenômenos à luz do contexto, do tempo, dos fatos. O ambiente da vida real é a fonte direta para a obtenção dos dados, e a capacidade do pesquisador de interpretar essa realidade, com isenção e lógica, baseando-se em teoria existente, é fundamental para dar significado às respostas. (MICHEL, 2009, p. 36).

Quanto aos procedimentos metodológicos fizeram-se uso da pesquisa bibliográfica, pois fez-se necessário um levantamento bibliográfico sobre produções literárias, livros, artigos científicos, dissertações e teses, para compreender a natureza da pesquisa e de que forma vem sendo abordada por diferentes autores que tratam da temática e suas aproximações com o estudo pretendido.

Para Gil (2009)

> A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. (GIL, 2009, p.44).

Apresenta-se também como uma pesquisa-ação, na medida em que o pesquisador, com base no problema, para compreender a possibilidade de ensino de arte

para além das estruturas físicas da escola, realizou uma ação interventiva com os alunos da turma.

De acordo com Thiollent (1986)

> A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com urna ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1986, p. 14)

Com base no tipo de pesquisa, foram utilizados como instrumentos para coletar dados e informações da pesquisa-ação, técnicas tais como: entrevistas, questionário, observação participante. De acordo com Gil (2009, p. 145) "diversas técnicas são adotadas para a coleta de dados na pesquisa-ação" destaca também que "A mais usual é a entrevista coletiva ou individual" (GIL, 2009, p. 145). Por outro lado, podemos considerar também, outras técnicas que possam ajudar a responder as questões da pesquisa e traçar seus objetivos. O questionário, pode ser usado, quando o universo a ser pesquisado é constituído por grande número de elementos. Por fim, outras técnicas aplicáveis são: a observação participante, a história de vida, a análise de conteúdo e o sociodrama. (GIL, 2009).

Quanto aos sujeitos desta pesquisa, trata-se de estudantes vinculados ao ensino público da rede Estadual da cidade de Manaus-AM. De acordo com Thiollent (1986, p. 61) "Quando o tamanho do campo delimitado é muito grande, coloca-se a questão da amostragem e da representatividade.". Nesse sentido, foram selecionados para participar da pesquisa 01 (uma) turma de 9º ano, do ensino fundamental II, anos finais, efetivamente matriculados na Escola Estadual Arthur Araújo, onde atua o pesquisador como professor do componente Arte. Essa escolha se deu pelo critério de intencionalidade da pesquisa, em virtude de determinadas características relevantes, como currículo, faixa etária, entre outros.

Os métodos de análise e discussão dos resultados da pesquisa pretendida sobre as possiblidades de ensino de Arte para além das estruturas físicas da escola se deram a partir das interpretações feitas pelo pesquisador, com base, nos materiais levantados na fase de coleta de dados.

Para Gil (2009)

> Há, porém, pesquisas em que se privilegia a discussão em torno dos dados obtidos, de onde decorre a interpretação de seus resultados. [...]. Muitas vezes o trabalho interpretativo é elaborado com base apenas nos dados obtidos

> empiricamente. Há casos, entretanto, em que contribuições teóricas tornam-se muito relevantes. (GIL, 2009, p.145)

A pesquisa intitulada “Interações Urbanas: possibilidades da arte urbana no ensino de artes visuais” foi desenvolvida na Escola Estadual Arthur Araújo com os estudantes de ensino fundamental II do 9º ano. A pesquisa pretendeu promover uma experiência artístico/pedagógico em arte urbana, com vista, nas intervenções urbanas com alunos do 9º ano do ensino fundamental. Assim, no que diz respeito, à escolha de materiais e o tipo de intervenção, todo processo passou por avaliação prévia do setor pedagógico escolar. Todo processo e etapas das atividades foram realizadas dentro do limite de horas/aulas do componente Arte, na devida escola e no entorno dela.

5. PROPOSTAS PARA O ENSINO DE ARTE

Desde a promulgação da Lei de Diretrizes Bases da Educação Nacional 5.692/71, que incluiu a arte no currículo escolar com o título de Educação Artística, considerada apenas como "atividade educativa" e não como disciplina, até a mais recente Lei de Diretrizes Bases 9.394/96, parágrafo 2º que aponta que "O ensino de arte constituirá componente obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.", vários autores serviram de aportes teóricos que fundamentam o seu desenvolvimento em sala de aula. Dentre os quais podemos citar autores como John Dewey, Viktor Lowenfeld, Herbert Head e, mais recentemente, Ana Mae Barbosa.

Jhon Dewey (1977) traz seus ensaios para arte-educação em sua teoria de arte como experiência consumatória, ou seja, uma aprendizagem através da experiência, tendo como lema um "aprender fazendo". Segundo Bacarin (2005), as interpretações conceituais acerca da arte como experiência consumatória, se inserem na esfera "das teorias desenvolvidas pela Escola Progressiva dos Estados Unidos. Nessa escola, a arte representou um meio de ajuda para a formação do conceito e como fase final de uma experiência". (p.78)

Para Bacarin (2005), Dewey propôs que:

> A Arte-educação pela ação, o conhecimento seria atividade dirigida para a experiência. As ideias seriam hipóteses de ação e seriam verdadeiras quando funcionassem como orientadoras dessa ação. As atividades manuais apresentariam situações problemas concretas para serem resolvidas na esfera das atividades. [...] o trabalho manual desenvolveria o espírito de comunidade e a divisão das tarefas entre os participantes, estimularia a cooperação e a consequente criação de um espírito social. (p.79).

Dessa maneira, entende-se que a experiência compreendida como ações formativas da arte, se bem organizadas, promovem situações de aprendizagem reais, ou seja, a aquisição de conhecimento a partir do contato direto com a arte.

Victor Lowenfeld (1974), por outro lado, considera que o desenvolvimento da criatividade da criança acontece de forma natural em diferentes fases do seu desenvolvimento, seu trabalho parte em função do espontaneísmo da criança. Dessa forma, o autor propõe uma educação voltada para o aluno, pois dentro da sua concepção epistemológica o educando é capaz de desenvolver sua cognição naturalmente, tudo depende das ferramentas necessárias oferecidas para o seu desenvolvimento. O autor

acredita que a potencialidade criadora se desenvolveria naturalmente em estágios sucessivos desde que se oferecessem condições adequadas para que a criança pudesse se expressar livremente. De acordo com o autor “a medida que a criança cresce, já não se satisfaz com a simples e fictícia relação do seu pensamento imaginário e o que ela desenha e pinta. Quer agora estabelecer uma relação verdadeira” (LOWENFELD, 1974, p. 107)

Assim, a arte desempenharia um papel potencialmente vital na educação das crianças, pois através do desenhar, pintar ou construir, as mesmas constituiriam um complexo em que se reuniriam diversos elementos de sua experiência, e assim formando um novo e significativo todo.

A expressão “educação através da arte”, criada por Herbert Head (1943) se popularizou e chegou até nós. Posteriormente foi abreviada e chamada de arte-educação. Esse conceito de educação pela arte defende que a arte deve construir a base da educação. Assim a expressão artística é entendida como meio privilegiado para a promover o desenvolvimento da aprendizagem com base na criatividade, na liberdade de expressão do sentir e do pensar, no prazer de aprender e de experimentar.

Para Herbert Read (1943) de acordo com Bacarin (2005), três atividades possuem lugar na “Educação através da arte”. A primeira, refere-se a autoexpressão, que se trata da necessidade inata do indivíduo de comunicar-se, de compartilhar com outros indivíduos seus pensamentos. O segundo refere-se à observação, que se trata do desejo do indivíduo de registrar na memória suas impressões sensoriais e, por meio delas, classificar seus conhecimentos conceituais do mundo. O terceiro, fora a apreciação, que se refere a respostas dos indivíduos, aos modos de expressão de outras pessoas e valores do mundo.

Ana Mae Barbosa (2008) propõe uma abordagem de ensino de arte que anteriormente foi erroneamente chamada de Metodologia Triangular do Ensino de Arte, e, posteriormente, corrigida com Abordagem ou Proposta Triangular do Ensino de Arte. Tal abordagem é resultado das suas reflexõs a partir de três abordagens epistemológicas: as Escuelas al Aire Libre, mexicanas; o critical studies, Inglês; e o Discipline Based Arte Educacion (DBAE), americano.

Tal teoria postula que a construção do conhecimento em arte acontece na confluência entre experimentação, codificação e informação. Tal abordagem propõe que “a composição do ensino de arte seja elaborada a partir de três ações básicas que executamos quando nos relacionamos com arte. São elas: fazer arte, contextualizar

(contextualização pode ser a mediação entre a percepção, história, politica, identidade, experiência e tecnologia) e ler obras de arte" (BARBOSA, 2008 p. 337).

Essas ideias lançadas por tais autores sobre o ensino de artes contribuíram para o ensejo do que conhecemos hoje como arte-educação. Além das concepções teóricas abordadas por autores que estudam o ensino de arte, outros fatores julgam-se importantes para que o ensino de arte aconteça, como, as ações metodológicas de ensino que direcionam o ato de fazer, aprender e ensinar arte nas escolas.

5.1. AÇÕES METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DE ARTE

Em se tratando de metodologia no ensino de arte, uma série de ações são indispensáveis para que se faça um ensino de arte de qualidade. É necessário, portanto, que se desenvolvam métodos para sua aplicação, uma vez que, o método utilizado no desenvolvimento do conhecimento do estudante pode ou não fazer com que eles entendam o que de fato é o ensino das artes.

Dessa forma, cabe unicamente ao professor, buscar recursos metodológicos que ajudem na sua prática educativa em arte. Esses recursos que podem ser encontrados nos próprios livros didáticos, nos Parâmetros Curriculares, nas Diretrizes, buscam sempre correlacionar suas atividades teóricas e práticas em autores que viabilizam o verdadeiro sentido de ensinar arte.

Ferraz e Fusari (1999) apontam que para se trabalhar com o ensino das artes nas escolas, além de conhecer as noções artísticas e estéticas do aluno, o professor precisa desenvolver e proporcionar aos alunos experiências que venham contribuir para sua diversificação cognitiva. Sendo assim, o professor de artes não tem somente o papel de transmitir o conhecimento, mas também de direcionar e contribuir para o desenvolvimento intelectual do aluno.

> O professor que está trabalhando com a arte para desenvolver bem suas aulas precisa conhecer as noções e os fazeres artísticos e estéticos dos estudantes e verificar em que medida pode auxiliar na diversificação sensível e cognitiva dos mesmos. Nessa concepção, sequenciar atividades pedagógicas que ajudem o aluno a aprender a ver, olhar, ouvir, pegar, sentir, comparar os elementos da natureza e as diferentes obras artísticas e estéticas do mundo cultural, deve contribuir para o aperfeiçoamento do aluno. (FERRAZ e FUSARI, 1999 p. 21).

As autoras destacam ainda que em relação às aulas práticas de artes, ou seja, as produções artísticas dos alunos, os assuntos em artes contextualizados, à determinação de métodos educativos (procedimentos técnicos e proposição de atividades) e as escolhas de

materiais são os princípios básicos para uma boa aula prática de produção artística e estética das aulas de artes.

6. DISCUSSÕES E RESULTADOS

A referida investigação ocorreu com os estudantes regularmente matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental II, Anos Finais, da Escola Estadual Arthur Araújo na capital do Amazonas. A Escola Estadual Arthur Araújo está localizada na zona centro-sul de Manaus, na Avenida Djalma Batista, 160, Bairro Nossa Senhora das Graças. A referida escola de acordo com o PPP (2022) é mantida pelo Governo do Estado do Amazonas por meio da Secretaria de Estado da Educação e Desportos (SEDUC), sendo publicada sua natureza jurídica. Sua supervisão é condicionada a Coordenadoria Distrital 03 (CD03).

A escola funciona num prédio antigo em dois andares. Dispõe de 23 dependências, sendo distribuído em 07 salas de aula, funcionando nos dois turnos (matutino e vespertino), além da Diretoria, Sala dos Professores, Laboratório de Informática (sem uso), Sala do Pedagogo, Secretaria, Biblioteca, Sala de Mídias, Depósito para Merenda Escolar, Banheiros e Área de recreação.

A problemática da falta de estruturas físicas como laboratório de arte, nas escolas gerou uma série de inquietação que levaram a essa pesquisa. O interesse por desenvolver tal investigação foi impulsionado, em sua essência por esses fatores. A falta de um laboratório que possibilitem as aulas práticas de experimentação no ensino de artes visuais é um grande gargalo nas escolas da educação pública de Manaus. A carência desses espaços dificulta, em muitos casos, o andamento das aulas de Arte, pois a sala de aula em si torna-se um espaço limitado, na medida em que, o professor do componente precisa preparar o ambiente antes e depois das atividades, resultando numa perda significativa de tempo, quando levamos em consideração a carga horária da disciplina dentro do currículo. Pensando nisso, surgiu a necessidade de experimentar o ensino de arte para além dos espaços estruturais da escola, propondo ações de interação com o espaço urbano. Tais ações dividiram-se em três etapas: a) aulas teóricas; b) oficinas práticas e exercícios de experimentação; e c) prática em intervenções urbanas.

A presente pesquisa visou descrever as possibilidades de uma atividade fora da sala de aula, propondo assim uma atividade artístico/pedagógico com interações urbanas. Desta maneira, para se valer de todas as evidências da realização da mesma, este capítulo será relatado em dois momentos - O primeiro ao qual apontamos as principais dificuldades da pesquisa – E o segundo em que relatamos todos os desafios e possibilidades de realização das atividades em arte urbana.

6.1. DIFICULDADES DA PESQUISA

Até à realização das atividades práticas desta pesquisa houve muitas mudanças significativas que impactaram diretamente no andamento e desenvolvimento das ações do projeto de pesquisa. Tais mudanças afetaram diretamente a pesquisa forçando o pesquisador, no caso, o professor de Arte, a repensar suas estratégias. Vamos aos fatos.

6.1.1. Reforma do Ensino Médio “Novo Ensino Médio"

A primeira grande dificuldade se deu em decorrência da reforma do Ensino Médio a partir da Lei nº 13.415/2017. O projeto de pesquisa que inicialmente o foi pensado para atender aos estudantes do 1º ano do Ensino Médio passou por uma grande transformação. Com a reforma do Ensino Médio, e consequentemente, a mudança no ensino de Arte, houve então a necessidade de mudança de nível escolar dos estudantes e de escola.

> A Lei nº 13.415/2017 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu uma mudança na estrutura do ensino médio, ampliando o tempo mínimo do estudante na escola de 800 horas para 1.000 horas anuais (até 2022) e definindo uma nova organização curricular, mais flexível, que contemple uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a oferta de diferentes possibilidades de escolhas aos estudantes, os itinerários formativos, com foco nas áreas de conhecimento e na formação técnica e profissional. A mudança tem como objetivos garantir a oferta de educação de qualidade à todos os jovens brasileiros e de aproximar as escolas à realidade dos estudantes de hoje, considerando as novas demandas e complexidades do mundo do trabalho e da vida em sociedade.

A referida lei que passou a vigorar em 2022 de forma gradual, e tem como proposta atender a todas as séries (1º, 2º e 3º anos) do Ensino Médio até o Ano de 2024. Inicialmente, com a nova reforma apenas as séries de 1º ano do Ensino Médio foram contempladas com o novo currículo que ampliou o tempo mínimo do estudante na escola de 800 para 1.000 horas.

Com a inserção dos novos itinerários formativos, a Secretaria de Estado de Educação e Desporto do Amazonas- SEDUC adotou pela redução da carga horária de Arte de duas aulas semanais para apenas uma aula semanal. Com isso, a permanência do professor de Arte na referida escola (com apenas três turmas de 1º ano) resultaria em ministrar os novos itinerários, a fim de cumprir a carga horária necessária. Tal iniciativa obrigou-me, como professor e pesquisador, a mudar de escola e, concomitantemente, a

tudo isso, repensar o trabalho, as estratégias, as atividades, os objetivos, público-alvo, entre outros.

Dessa maneira, no Ensino Fundamental Anos Finais, vimos a possibilidade de dar continuidade a pesquisa sem muitos prejuízos, tendo em vista a proximidade como o nível anterior que se pretendia trabalhar a pesquisa. Quanto ao seriado, a escolha pelas turmas de 9º anos se deu por dois motivos estratégicos: primeiro motivo corresponde à faixa etária que esse nível atende. Já o segundo, em virtude da oferta do conteúdo que se pretende realizar na pesquisa, arte urbana. Em relação a esses aspectos da formação cidadã e a faixa etário dos estudantes a Proposta Curricular e Pedagógica (PCP) do Amazonas para o Ensino fundamental anos finais destaca que:

> Na etapa dos Anos Finais, o estudante inicia sua caminhada ainda criança, porém a finaliza já adolescente, evidenciando o processo de transição que está intrínseco ao se cumprir esse percurso, o que justifica um olhar atento para a formação cidadã desse estudante enquanto protagonista de sua história. (PCP-AMAZONAS, 2021, p.15)

Portanto, para que esta pesquisa desse andamento, esses aspectos da formação do estudante, faixa etária e, principalmente, o currículo, foram levados em consideração na escolha do público que seria atendido pela referida investigação.

6.1.2. Implementação do Novo Conselho Escolar.

Com a mudança de escola, surgiu um novo problema: orçamento e recursos. Se na escola anterior tínhamos um projeto que já vinha sido pensado desde os anos anteriores, boa parte dos recursos e materiais também já estavam sendo previstos em orçamento para a realização das intervenções. Por outro lado, ao chegarmos à nova escola, deparamo-nos com o orçamento fechado e as contas bloqueadas em virtude da mudança da Associação de Pais, Mestres e Comunitários - APMC para o novo Conselho Escolar[3], em caráter de Unidade Executora - UEx em acordo com o Regimento Geral das Escolas Estaduais do Amazonas Resolução nº 241/2020 CEE/AM.

[3] O Conselho Escolar é centro permanente de debate e órgão de natureza deliberativa, consultiva, executora e fiscalizadora; articulador de todos os setores escolares e comunitários, constituindo-se, em cada escola, de um colegiado integrado por representantes dos seguimentos: escolar e comunitário, com função de Unidade Executora – Uex, responsável pelo recebimento e gestão de recursos próprios e vinculados.

Sendo assim, para contornar tal situação, nos restava o Edital nº 004/2022 do Programa Ciência na Escola - PCE[4], da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Amazonas-FAPEAM e concorrer à bolsa de incentivo à pesquisa, que é de caráter pessoal, mas que para aquela ocasião nos serviria como ajuda de custo para subsidiar os materiais para o desenvolvimento das atividades práticas da pesquisa e afins. Nesse sentido, tivemos que aguardar por mais seis meses toda a tramitação do edital, desde o envio até a aprovação do projeto. O projeto foi aprovado e a partir do mês de julho iniciamos nossas atividades na escola com a pesquisa.

6.1.3. Burocracias e mais atrasos no desenvolvimento das ações práticas

Superados todos os problemas que as mudanças acima nos causaram que resultaram num atraso significativo a pesquisa, deparamo-nos com mais uma dificuldade: burocracias administrativas e dificuldade de comunicação entre as instituições responsáveis.

A proposta do projeto de pesquisa que visava experimentar a possibilidade de ensino de Arte para além dos limites físicos da escola, ou seja, no espaço urbano, no entorno da escola necessitava de autorização específica de alguns setores hierárquicos da Secretaria de Educação, uma vez que a proposta pretendia levar os estudantes a experimentar possibilidades de ensino de arte fora da escola. No entanto, o pedido de autorização que foi enviado pela secretaria da escola precisou passar por vários setores hierárquicos da SEDUC e uma espera longa se iniciou. O pedido de autorização, primeiramente, feito junto à equipe de gestão e pedagógica da escola devidamente assinado e autorizado passa para o setor de assessores pedagógicos, em seguida encaminhado à Coordenadoria Distrital e, por fim, a Secretaria de Educação e o setor responsável. A lentidão e demora na comunicação entre esses setores duraram em torno de dois meses até ser liberada a saída dos alunos para a atividade externa.

Da mesma maneira, houve demora no retorno da autorização de solicitação de uso do espaço público junto à prefeitura de Manaus. O ofício enviado à prefeitura solicitando uso dos espaços públicos, como, parada de ônibus, passarela de pedestre, muros do viaduto entre outros, foi inicialmente solicitado pela própria SEDUC orientado

[4] O Programa Ciência na Escola é uma ação criada pela FAPEAM direciona à participação de professores e estudantes de escolas públicas estaduais do Amazonas e municipais de Manaus em projetos de pesquisa científica e de inovação tecnológica a serem desenvolvidos nas escolas.

pela própria gestão da escola. No entanto, não houve retorno da comunicação entre os órgãos estadual e municipal, deixando então o projeto comprometido. A estratégia, entretanto, que foi utilizada para superar esta barreira e darmos continuidade à pesquisa, foi entrar em contato direto com algumas empresas privadas e instituições municipais próximos à escola para tentar dialogarmos com a possibilidade de usarmos seus espaços. Assim, a empresa Malibu Ferramentas e o Mercado Municipal Dorval Porto se tornaram parceiras para a realização das atividades da pesquisa em arte urbana.

6.2. DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO ENSINO DE ARTE URBANA

A presente pesquisa contou com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), por meio do Programa Ciência na Escola (PCE). As atividades iniciaram no mês de julho e encerraram em dezembro de 2022. Ao todo 10 aulas, das quais, 05 foram teóricas, 04 de experimentos e oficinas, e 01 de atividades práticas em intervenções urbanas.

O intuito dessa investigação era descobrir a possibilidade de promover uma atividade fora da escola na vivência do professor de Arte. Com isso, uma das exigências do próprio pesquisador era que todas as atividades deveriam ser experimentadas dentro das horas/aulas destinadas ao componente curricular Arte, ou seja, uma aula semanal de 48 min. Essa determinação se tornou imprescindível para analisar os resultados desta ação, trazendo com mais clareza todos os desafios e possibilidades que o professor de Arte enfrenta para realizar qualquer atividade dentro deste curto espaço de tempo.

6.2.1. Um pouco de teoria: espaço urbano, arte urbana e artistas de referência.

As atividades da pesquisa iniciaram no dia 31 de julho com a parte teórica. A primeira ação deste encontro foi apresentar aos estudantes a pesquisa em questão, como mostra a figura 8. Todo o projeto de pesquisa foi apresentado, bem como, as ações que seriam desenvolvidas a partir daquele contexto nas aulas de Arte seguintes. Cientes da intenção da pesquisa, encaminhei aos mesmos um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (modelo em anexo) aos pais ou responsáveis dos estudantes orientando-os dos possíveis riscos e informando toda a intenção desta investigação. Ficou esclarecido aqui que a participação destes nas ações externas não seria obrigatória, mas a presença de todos seria de fundamental importância para este estudo. Todos os termos foram devolvidos devidamente assinados pelos responsáveis autorizando a participação dos

estudantes durante a pesquisa. Nesse momento muitos deles demonstraram bastante interesse nas ações, afirmando que gostavam de arte urbana, principalmente, grafites e pichações.

Figura 8. Apresentação do projeto de pesquisa aos estudantes.

Fonte: Imagem elaborada pelo estudante bolsista do PCE, 2022.

6.2.1.1. Aula teórica sobre o conceito de espaço urbano

No encontro seguinte, iniciamos nossas discussões teóricas abordando o espaço urbano (figura 9) a fim de entendermos o lugar da Arte nesse constante processo de reorganização espacial, que envolve um conjunto de transformações, de relações sociais, conflitos, símbolos, fragmentações, articulações e lutas. Como as ações práticas da pesquisa seriam realizadas dentro desse contexto espacial, o espaço urbano, sentiu-se a necessidade de entendermos um pouco mais sobre este lugar e, dessa maneira, criar um cenário possível para as nossas ações práticas de interações com arte urbanas.

De início levantei uma questão: o que vocês entendem por espaço urbano? Após uns cinco minutos, pôde-se ouvir algumas considerações que de início vieram à mente dos estudantes. Ressaltando que este exercício de participação dos estudantes é essencial para entendermos o ponto de partida de suas opiniões. Assim, algumas das respostas que foram lançadas são as seguintes: *o espaço urbano pode ser considerado o lugar onde as*

pessoas moram. (Estudante 1). *As casas, os comércios, as escolas, tudo isso está no espaço urbano.* (Estudante 2). *O espaço urbano é onde os carros, ônibus e motos se transportam.* (Estudante 3). De fato, essas são algumas considerações possíveis quando pensamos nas fragmentações da contextualização sobre o espaço urbano.

Em seguida, trouxe para a discussão alguns apontamentos sobre o que alguns autores como Milton Santos (2006), Cecília Santos (2009), Roberto Corrêa (2004) pensam sobre o tema. As considerações que esses autores trazem para contextualizar sobre como se constrói o espaço urbano, serviu para evidenciar as falas dos estudantes.

Figura 9. Aula explanatória sobre o espaço urbano.

Fonte: Imagem elaborada pelo estudante bolsista do PCE, 2022.

6.2.1.2. Aula teórica sobre o conceito de Arte Urbana

No encontro seguinte abordamos sobre os conceitos de arte urbana. Começamos a nossa discussão com a seguinte pergunta: O que é Arte Urbana? De início houve um grande silêncio, pareceu-me que eles entendiam o assunto, mas não estavam seguros para responder à questão, então mudei a pergunta para: O que vocês conhecem sobre Arte Urbana? De imediato, surge uma voz ao fundo da sala: pichação (Estudante 1) e, logo em seguida, outra voz: *graffiti* (Estudante 2).

Partindo desses dois exemplos citados pelos estudantes, tecemos um diálogo sobre o conceito de Arte Urbana e a visão de alguns autores. Assim, alguns conceitos sobre o tema, tais como, as considerações de Pallamin (2000) que explica que “A arte urbana é enfocada enquanto um modo de construção social dos espaços públicos, uma via

de produção simbólica da cidade, expondo e mediando suas conflitantes relações sociais." (p.13). A ideia que a autora traz em seu texto de Arte Urbana como prática social guiaram todas as nossas discussões sobre o fazer arte urbana. As obras nesse contexto urbano, de acordo com a autora, "permitam a apreensão de relações e modos diferentes de apropriação do espaço urbano" (PALLAMIN, 2000, P. 23). Sendo assim, o propósito estético das obras envolvem questões sociais que as rodeiam. Aqui também apresentamos alguns tipos de arte urbana que de acordo com Campos e Câmara (2019) "a Arte Urbana é um conceito genérico", ou seja, inúmeras manifestações artísticas que ocorrem na rua, no espaço urbano, podem ser consideradas como tal. Assim, alguns exemplos foram apresentados: *graffiti*, *stêncil art*, performance, instalações, exposições publicas, murais, intervenções artísticas, teatro etc.

É importante lembrar que a participação dos estudantes em sala de aula é fundamental para o processo de ensino/aprendizagem. Tirá-los da zona de conforto, da passividade de ficarem apenas no campo da escuta para torná-los sujeitos ativos nos diálogos que propomos não é uma ação fácil de ser executada. O estudante teme as palavras, a insegurança, a timidez, a vergonha, são alguns dos aspectos que dificultam essa comunicação. Mas é preciso ouvi-los, é preciso trazê-los para dentro das discussões e quando for necessário precisamos refazer as perguntas quantas vezes forem necessárias até obtermos alguma resposta, visto que cada estudante possui seu próprio repertório adquirido no seu cotidiano, suas representações de mundo. Para tanto, é preciso estimulá-los, mobilizá-los, provocá-los, desafiá-los.

Nesse sentido, Vasconcellos (2000) esclarece que mobilizar para a participação:

> Implica uma ação educativa no sentido de provocar, desafiar, estimular, ajudar o sujeito a estabelecer uma relação com o objeto, que corresponda em algum nível, à satisfação de uma necessidade sua, mesmo que essa necessidade não estivesse tão consciente de início. (VASCONCELOS, 2000, p. 52)

6.2.1.3. Artistas de referência: Eleonora Fabião, Raiz Campos e Curumiz

A última ação da parte teórica se deu na busca de artistas de referência. Inicialmente, foi feito uma busca no livro didático dos estudantes, a fim de encontrarmos contextos que pudessem ser articulados com a pesquisa. Assim, o Capítulo 4: Performance, do livro didático, trouxe algumas propostas com alguns artistas que fazem interações com o espaço urbano. Nesse caso a performer Eleonora Fabião (figura 10) serviu como referência para a discussão da arte urbana no contexto público.

No ano de 2008, Eleonora Fabião colocou duas cadeiras da cozinha de sua casa no Largo da Carioca no centro do Rio de Janeiro e em posse de um cartaz com a seguinte frase: “Converso sobre qualquer assunto” propôs ações de interações entre os habitantes que frequentam aquele espaço público. A performance em questão faz parte de um conjunto de ações da série chamada Ação Carioca. Na performance em questão a artista propõe uma ação entre os transeuntes que trafegam em meio ao espaço público propondo uma intervenção de interação, mas também uma ação que reconfigura o lugar de passagem onde os desconhecidos se cruzam todos os dias.

Figura 10. imagem do livro didático. Artista de referência Eleonora Fabião.

Fonte: imagem elaborada pelo autor, 2022

Outros dois artistas visuais nortistas foram usados como referência estética nessa fase de montagem de repertório visual e imagético, são os artistas Raiz Campos e Curumiz. A forte relação com a Amazônia que esses artistas grafiteiros trazem em suas poéticas visuais foi o que norteou a escolha por suas apresentações em sala de aula.

Rai Campos ou simplesmente Raiz Campos (figura 11), nascido na Bahia, mas criado na Área Indígena do Waimiri Atroari no Amazonas, é uma das grandes referências

em Arte urbana da região norte. Sua arte está imbricada dentro do seu próprio desenvolvimento pessoal que se configuram em elementos da fauna, flora e os povos da Amazônia. Seus grafites podem ser facilmente encontrados pelos viadutos, palafitas e edifícios da cidade de Manaus. Sua estética principal está em retratar os povos da Amazônia cruzadas com o grafismo indígena, como mostra a figura 11.

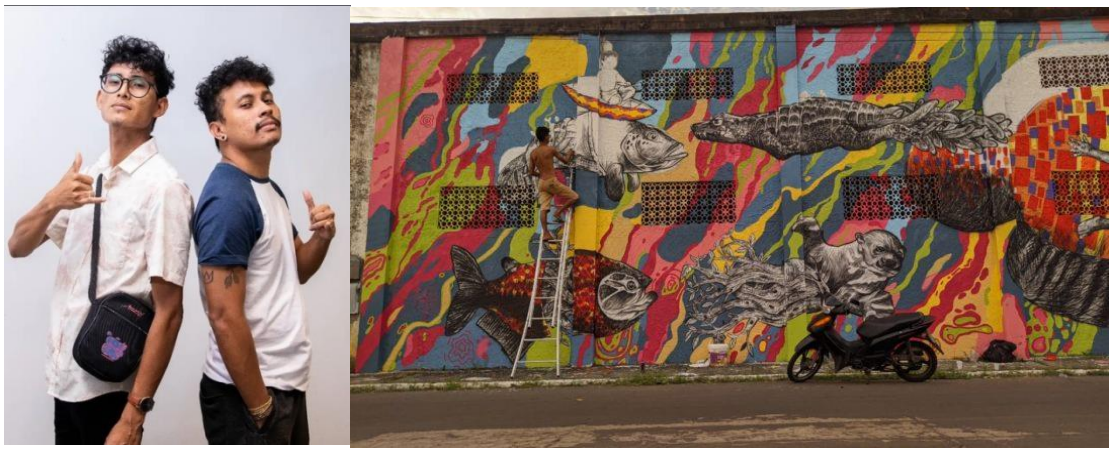
Figura 11. Artista de referência: Raiz Campos.

Os artistas visuais Alziney Pereira e Kemerson Freitas são os integrantes da dupla de grafiteiros conhecida por Curumiz (figura 12). Naturais de Parintins, interior do estado do Amazonas, a dupla de grafiteiros da região norte vem ganhando grande notoriedade dentro da cena urbana na região do Baixo Amazonas[5], como na capital do estado, Manaus. Com uma estética que une a Amazônia onírica de lendas e mitos, o antropomorfismo de seres irreais do imaginário caboclo, elementos da fauna e flora amazônica e colorido que seduz a quem aprecia este tipo de manifestação artística. Seus murais estão espalhados dentro e fora do estado do Amazonas podendo ser encontrados

[5] Denominamos como Baixo Amazonas, a sub-região de planejamento composta pelos municípios de Boa Vista do Ramos, Barreirinha, Maués, São Sebastião do Uatumã, Nhamundá e Parintins. Esta sub-região encontra-se localizada a leste e extremo leste do Estado do Amazonas em divisa com o estado do Pará.

pelas ruas de Parintins, nas edificações públicas e particulares, pontos de ônibus e palafitas ribeirinhas no interior e em Manaus.

Figura 12. Artista de referência Curumiz



Fonte: banco de dados da internet. Disponível em: https://alvoradaparintins.com.br/curumiz-inauguram-em-parintins-o-maior-mural-de-graffiti-do-baixo-amazonas>. Acesso em: 07.12.2022.

Durante a exposição desses artistas alguns estudantes puderam reconhecer os trabalhos desses grafiteiros a partir da característica de suas obras, afirmando os locais por onde encontraram obras que apresentavam os estilos desses artistas. Em uma das falas um estudante afirma que: *Eu já vi um trabalho parecido com esse no centro da cidade e em uma parada de ônibus perto de casa*. (Estudante 1) outro continua dizendo: *Sempre vejo um graffiti do retrato de um indígena no viaduto. Se parece muito com esse do Raiz, acredito seja dele.* (Estudante 2) e um terceiro conclui afirmando a seguinte frese: *Eu não conhecia esses artistas aqui em* Manaus, eu sempre vejo muitos *graffiti* por esses lugares, mas nunca prestei muita atenção. Agora vou olhar. (Estudante 3).

Trazer a referência destes artistas para o contexto do estudante é fundamental para a construção e ampliação do repertório pessoal de cada um, a fim de construir sentidos. Desta forma, o PCN (1998) ressalta que:

> Nessa perspectiva, a arte na escola tem uma função importante a cumprir. Ela situa o fazer artístico dos alunos como fato humanizador, cultural e histórico, no qual as características da arte podem ser percebidas nos pontos de interação entre o fazer artístico dos alunos e o fazer dos artistas de todos os tempos, que sempre inauguram formas de tornar presente o inexistente. Não se trata de copiar a realidade ou a obra de arte, mas sim de gerar e construir sentidos. (PCN, 1998, p. 35)

Ampliar o repertório imagético dos estudantes trazendo para o seu contexto esses artistas que emergem sob as mesmas condições regionais e culturais da Amazônia pode contribuir significativamente na construção do seu próprio fazer artístico.

6.2.2. Exercitando um pouco de prática: experimentos e mini oficinas.

Com base nos estudos apresentados anteriormente acercas dos conceitos de espaço urbano e suas mediações com arte; Arte Urbana e suas principais manifestações artísticas (*graffiti, stêncil art*, performance, instalações, exposições públicas, murais, intervenções artísticas, teatro etc.); artistas de referência, bem como suas intenções artísticas e a estética dos seus trabalhos, partimos para a próxima etapa da pesquisa: experimentos e oficinas.

As atividades realizadas nessa fase da pesquisa tinham o intuito de não só verificar a aprendizagem, mas também serviria de apoio para a realização das atividades práticas finais. A intenção aqui era que os estudantes pensassem em uma atividade experimental baseada no que estudamos durante as aulas teóricas e que servisse de base para o trabalho final, ou seja, os estudantes deveriam pensar em uma proposta artística que atendesse a demanda de tempo e espaço disponíveis para a pesquisa. Nesse sentido, a proposta deveria ser pensada coletivamente a fim de direcionarmos um trabalho mais sólido que atendesse as diversas singularidades de cada um. Nesse momento, deixei-os livres para pensarem e decidirem coletivamente. Dessa maneira, após longa conversa, divergências e convergências, os estudantes chegaram a um consenso. As propostas foram as seguintes: intervenção com cartazes, instalação (exposição fotográfica) e intervenção com Estêncil Art. Com isso, acertamos que nas aulas seguinte, discutiríamos como cada ação poderia ser realizada.

6.2.2.1. Experimentos: experimentando materiais e possibilidades

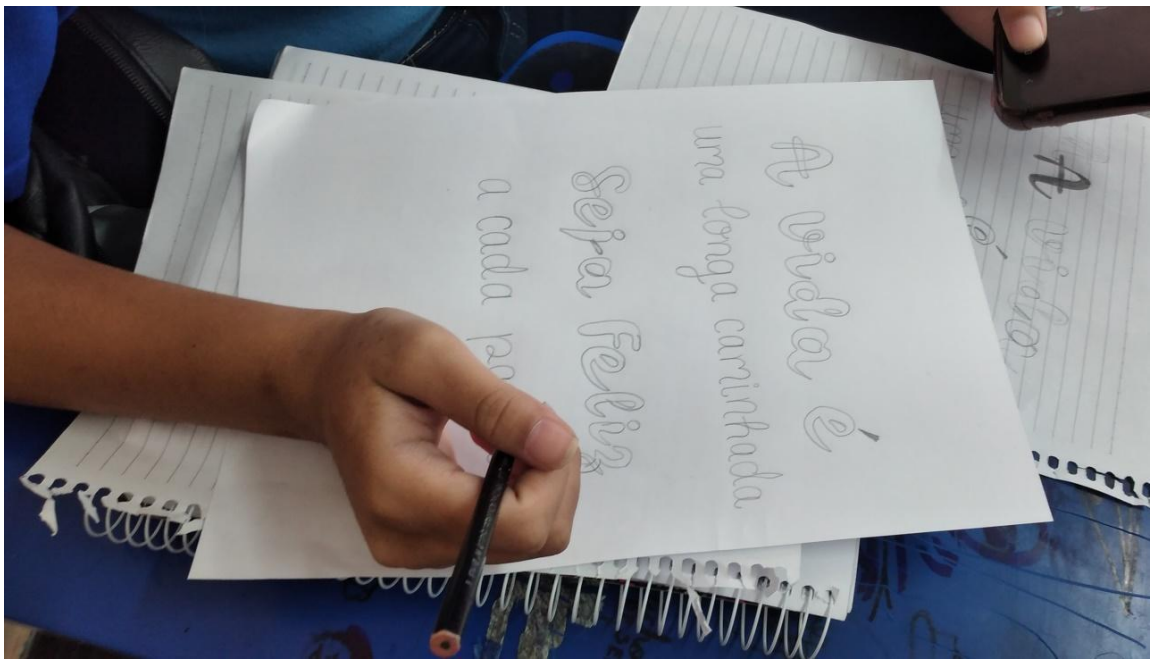
As propostas se deram da seguinte maneira. A intervenção com cartazes surgiu com referência ao trabalho da artista performer Eleonora Fabião. De princípio não se tinha uma ideia clara do que se poderia realizar. Alertei-os sobre o tempo destinado a realização da atividade entre 35 e 40 min. O grupo decidiu a partir da sugestão de um estudante em grudarem cartazes com frases motivacionais, de reflexão ou trechos de letras de músicas, em alguns pontos de transição dos transeuntes próximos à escola. Os postes de iluminação que ficam localizados sobre a calçada em frente à escola foi o local escolhido. Essa ação

recebeu o nome de **“Não converso sobre qualquer assunto, mas se isso te ajuda...”.** Em seguida foram entregues folhas de papel ofício A4 para que os mesmos expressassem suas ideias e frases para a atividade. Segue abaixo alguns registros das atividades sendo realizadas pelos estudantes (figuras 13, 14 e 15).

Figura 13. Estudantes produzindo os esboços para os cartazes.

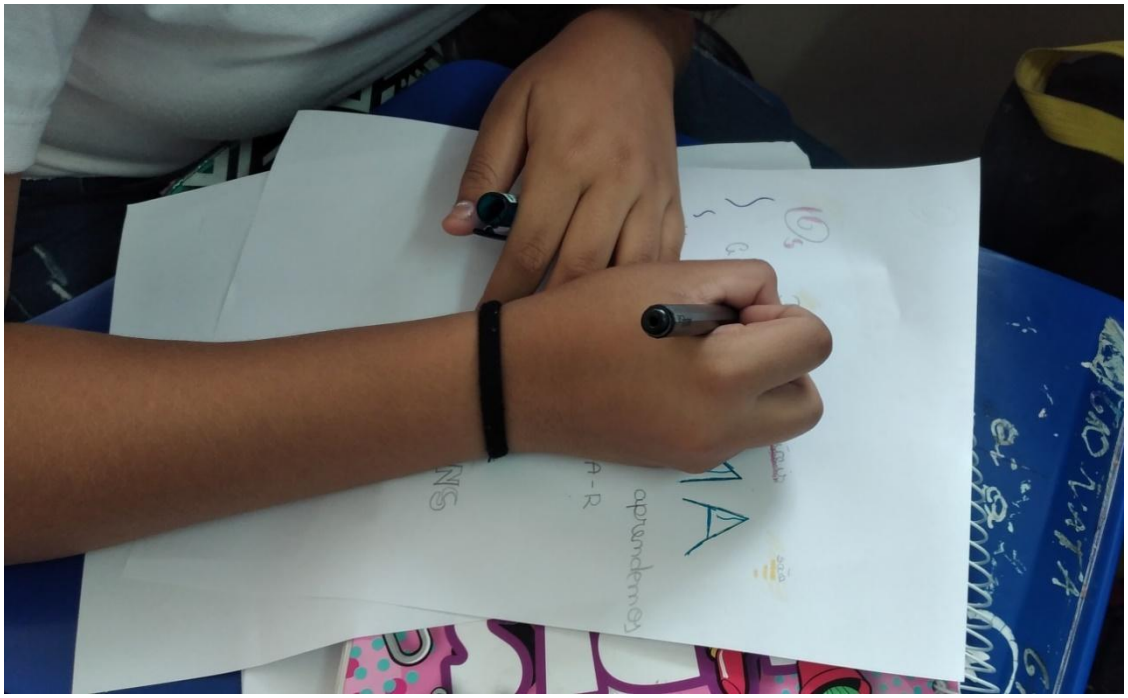
Fonte: fotografia elaborada pelo pesquisador, 2022.

Figura 14. Estudante produzindo cartazes.



Fonte: fotografia elaborada pelo pesquisador, 2022.

Figura 15. Estudante produzindo cartazes.



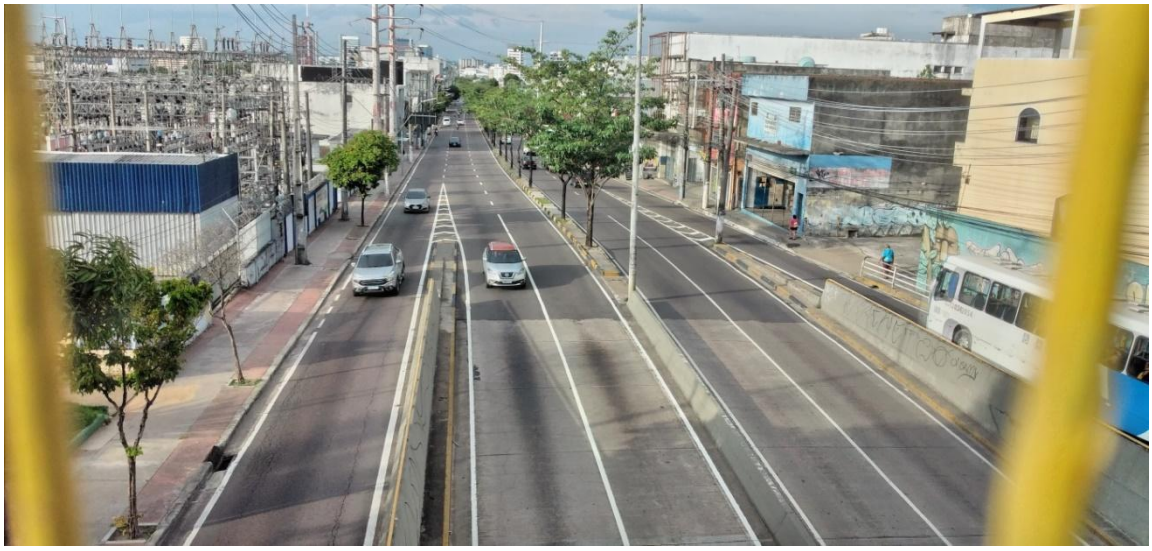
Fonte: fotografia elaborada pelo pesquisador, 2022.

A proposta de instalação fotográfica ocorreu da seguinte maneira. Trouxe um problema para ser resolvido em sala de aula: Qual será a temática abordada em nossa instalação fotográfica? Um estudante sugeriu: *Podemos falar da Amazônia assim como os grafiteiro Raiz e os Curumiz* (Estudante 1). Um segundo completa: *Semana que vem é aniversário de Manaus, podemos abordar um pouco da nossa cidade.* (Estudante 2) – na ocasião estávamos no final do mês de outubro. A ideia foi aceita pela maioria. Mas o que iremos falar da cidade de Manaus? Questionei a todos. Nesse momento um terceiro estudante: *Vamos tirar fotos dos pontos turísticos da cidade* (Estudante 3). Completei provocando-os: *Que tal fazermos o contrário disso?! Ao invés de replicarmos o que a mídia já produz, vamos lançar um outro olhar sobre a realidade de Manaus, a realidade dos problemas sociais, dos descasos, a nossa realidade, a realidade de vocês, dos locais que nós vivenciamos diariamente com todas as suas conflitantes*. E com o aval de todos, assim surgiu a instalação fotográfica denominada **"Outros olhares"** (figura 16). Logo, recomendei que fizessem registros com o smartphone dos lugares por onde passam diariamente, da vizinhança, do bairro, de suas casas, dos problemas que eles possam enxergar entre outros e enviassem a imagem para o meu contato institucional para serem feitas as impressões/revelações (figuras 17, 18, 19, 20 e21). Tendo em vista que nem todos possuem um smartphone, a atividade pôde ser realizada em trio.

Figura 16. Imagem do cartaz feito para a exposição.

Fonte: fotografia elaborada pelo pesquisador, 2022.

Figura 17. Registro feito pelo Estudante 1 para a exposição



Fonte: fotografia elaborada pelos estudantes, 2022.

Figura 18. Registro feito pelo Estudante 2 para a exposição

Fonte: fotografia elaborada pelos estudantes, 2022.

Figura 19. Registro feito pelo Estudante 3 para a exposição

Fonte: fotografia elaborada pelos estudantes, 2022.

Figura 20. Registro feito pelo Estudante 1 para a exposição

Fonte: fotografia elaborada pelos estudantes, 2022.

Figura 21. Registro feito pelo Estudante 4 para a exposição

Fonte: fotografia elaborada pelos estudantes, 2022.

Por fim, a última atividade a intervenção com Estêncil Art. Durante as aulas teóricas enquanto discutíamos sobre o conceito de Arte Urbana, mencionamos de forma rápida alguns outros artistas que não mencionamos entre os artistas de referência, como o grafiteiro brasileiro Eduardo Cobra e o artista britânico Banksy. Na ocasião, uma imagem de referência às intervenções com *stêncil art* do artista Banksy foi apresentada em slide. A imagem conhecida como *Love is in the Air (Soldier throwing flower)* – O amor está no ar (Soldado jogando flores), de 2005, feita em Londres. Nessa intervenção

de Banksy vemos a imagem de um manifestante com rosto coberto (em alusão aos black bloc[6]) atirando um ramo de flores. Os estudantes lembraram-se dessa imagem e sugeriram fazer uma continuação da imagem. *Se ele jogou as flores alguém deveria aparar* (Estudante 1). Assim, como uma espécie de releitura surgiu a Intervenção com Estêncil Art. Como a intervenção com estêncil é uma ação rápida, poderíamos sim realizá-la em tempo hábil para retornarmos à escola antes do sinal tocar. Então partimos para a produção de material. Com a ajuda de programas de computadores e a fotografia começamos a produção das matrizes de estêncil. (figuras 22, 23)

Figura 22. Imagem de referência para a intervenção com Estêncil

Fonte: fotografia elaborada pelo pesquisador, 2022.

[6] O termo Black Bloc (bloco negro, em inglês) refere-se a uma tática de manifestação de rua, desenvolvida desde a década de 1980, para garantir a autodefesa dos manifestantes diante de ações repressivas das forças policiais e, posteriormente, para atacar edificações de empresas e instituições de estado consideradas símbolos do capitalismo. Ele constitui-se na formação de um bloco de pessoas vestidas de preto que participam em grupo nas manifestações, tapando seus rostos com máscaras, capacetes ou panos para evitar reconhecimento e a perseguição policial.

Figura 23. Estudante fazendo recorte das matrizes de Estêncil.

Fonte: fotografia elaborada pelo pesquisador, 2022.

6.2.2.2. Mini oficina – oficina de *graffiti*

A oficina de *graffiti* que estava prevista para ser realizada no mês de outubro teve que ser adiada por três vezes. Durante o mês de outubro, houve três feriados que impossibilitaram a realização da oficina: 12 de outubro feriado nacional da padroeira do Brasil, Nossa senhora aparecida; 15 de outubro feriado do dia dos professores adiado para o dia 27; e 28 feirado do dia do servidor público. Nesses dias não houve atividades na escola. No dia 02 de novembro mais um feriado do dia dos finados. E a atividade da oficina foi, então, remarcada para o dia 09 de novembro, mas por conta de uma forte chuva não pode ser realizada pela segunda vez. Uma terceira data foi remarcada e a atividade da oficina de *graffiti* foi realizada no dia 23 de novembro.

No dia 23 de novembro, trouxemos um grafiteiro convidado para ministrar uma mini oficina de *graffiti*. O artista urbano Alziney Pereira integrante do duo de grafiteiros Curuminz, aceitou nosso convite de ir até a escola para ministrar uma oficina de *graffiti*. A intenção com esta ação era que o artista falasse um pouco do seu processo, mas acima

de tudo a oficina tinha o objetivo de ensinar aos alunos sobre o manuseio correto dos materiais, das latas de tinta spray, os cuidados necessários com os equipamentos e a proteção (equipamentos de segurança e saúde). Durante a oficina, os estudantes puderam experimentar na prática e tirar dúvidas sobre a estrutura do material da lata de spray e seu funcionamento, a pressão, a válvula entre outros. Essa ação foi de extrema necessidade, uma vez que os estudantes iriam fazer uso destes materiais durante as práticas finais do projeto, e zelar pela integridade física de todos é um compromisso irrefutável. Como mostram as figuras 24, ,25, 26, 27 e 28.

Figura 24. Artista convidado ministrando a oficina de graffiti.

Fonte: fotografia elaborada pelo pesquisador, 2022.

Figura 25. Estudantes experimentando materiais de graffiti.

Fonte: fotografia elaborada pelo pesquisador, 2022.

Figura 26. Estudantes experimentando materiais de graffiti.

Fonte: fotografia elaborada pelo pesquisador, 2022.

Figura 27. Estudantes experimentando materiais de graffiti.

Fonte: fotografia elaborada pelo pesquisador, 2022.

Figura 28. Estudantes experimentando materiais de graffiti.

Fonte: fotografia elaborada pelo pesquisador, 2022.

6.2.3. Ações práticas finais

A ação prática final ocorreu no dia 15 de dezembro. Foram divididos três grupos e cada grupo ficou responsável pela execução de uma das três propostas – Instalação (exposição fotográfica); Intervenção com cartazes; e Intervenção com Estêncil Art. O acompanhamento das ações contou com o apoio de três estudantes monitores que, ao mesmo tempo, são representantes de sala e bolsistas Junior do Programa Ciência na Escola – PCE que fomentou os materiais para essas ações práticas da pesquisa.

Com os grupos definidos, começamos as atividades em sala de aula preparando os materiais e dividindo-os de acordo com cada grupo - as fotografias com o grupo da instalação fotográfica, os cartazes com os grupos da Intervenção com cartazes e as matrizes e estêncil latas de tinta spray de com grupo da Intervenção com estêncil, além de fitas adesiva e máscaras descartáveis para todos os grupos. Toda a parte de curadoria das atividades foram realizadas pelo professor/pesquisador desta pesquisa. As instruções necessárias para estas ações foram realizadas em sala de aula e, assim com todas as autorizações em mãos, partimos para a prática artístico/pedagógico.

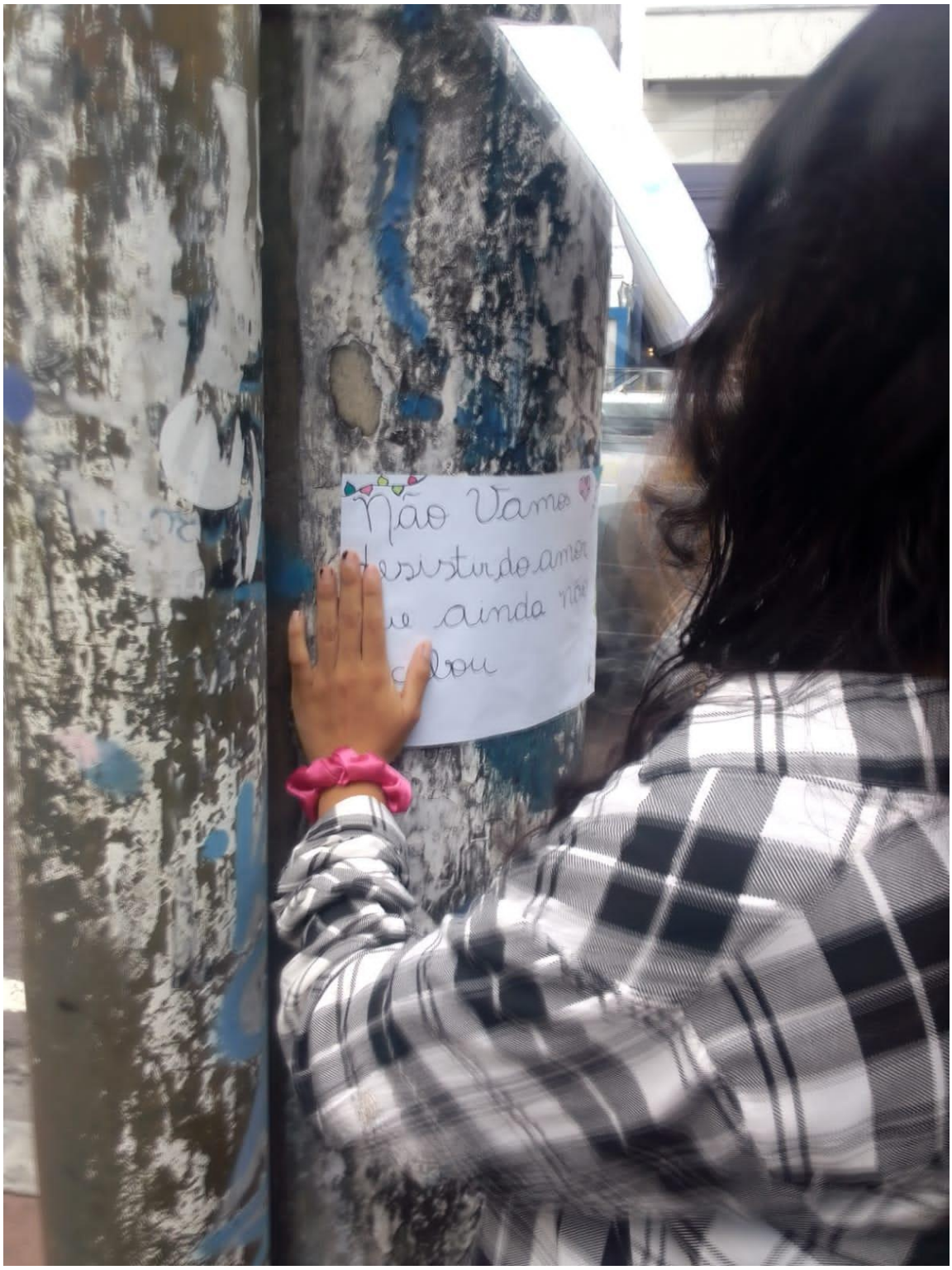
O grupo da Instalação fotográfica se dirigiu em direção ao Mercado Municipal Dorval Porto, localizado a 30 metros à direita da escola, acompanhados por um estudante monitor. O grupo responsável pela Intervenção com Estêncil Art se deslocou em direção à empresa Malibu Ferramentas, localizada a 50 metros à esquerda da escola, acompanhados pelo professor/pesquisador e um estudante monitor. Enquanto o grupo da Intervenção com cartazes se deslocou para a calçada em frente à própria escola, acompanhada de um estudante monitor.

Durante toda atividade de intervenção em arte urbana, o professor/pesquisador deste estudo esteve transitando e acompanhado de perto as ações e fazendo as devidas orientações com os três grupos. Entretanto, das três atividades propostas a que precisou de uma maior atenção por parte do professor/pesquisador foi a Intervenção com Estêncil Art, pois apresentava um certo risco em relação ao uso da tinta spray que é um material tóxico e inflamável.

As três atividades ocorreram ao mesmo tempo e levaram em torno de 40 minutos desde as instruções em sala de aula até o resultado final. Todos os estudantes participaram ativamente de alguma maneira durante as atividades, as funções foram divididas entre si, desde a organização da atividade, a escolha dos materiais, corte, dobra e colagem das fitas adesivas, até à montagem do trabalho final. Não houve nenhum tipo de imprevisto ou acidente durante a realização dessas ações. O trabalho em equipe direcionado pelo professor e em parceria com os monitores foi concluído com êxito. Abaixo, seguem as imagens da execução das três intervenções de interação com o espaço urbano proposto nessa investigação. Todas as imagens são de autoria do pesquisador e dos bolsistas do PCE.

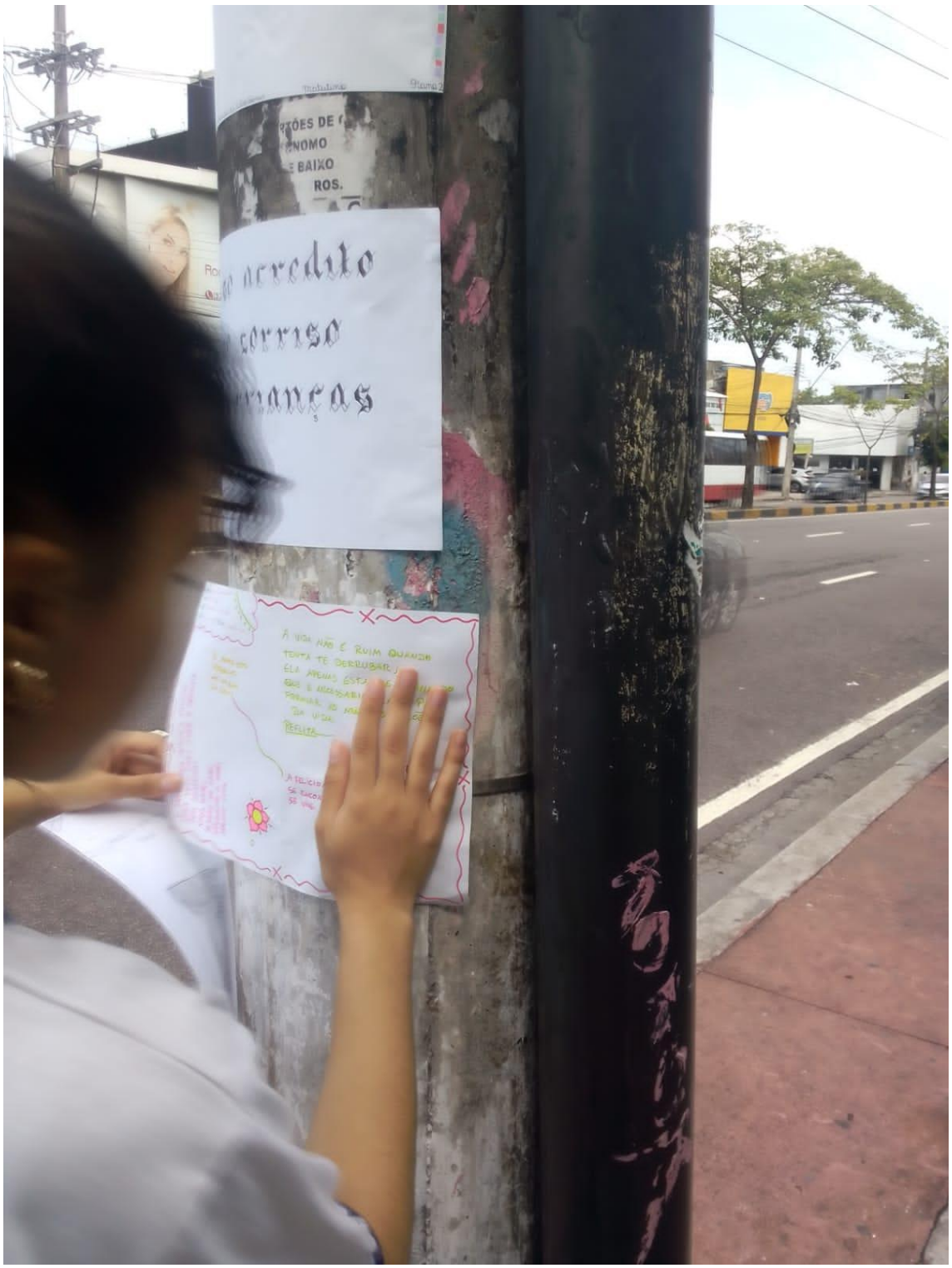
6.2.3.1. Atividade de prática artístico/pedagógico 1: Intervenção com cartazes - “Não converso sobre qualquer assunto, mas se isso te ajuda...”. (figuras 29, 30, 31 e 32)

Figura 29. Estudante realizando a intervenção com cartazes.



Fonte: fotografia elaborada pelo pesquisador, 2022.

Figura 30. Estudante realizando a intervenção com cartazes.

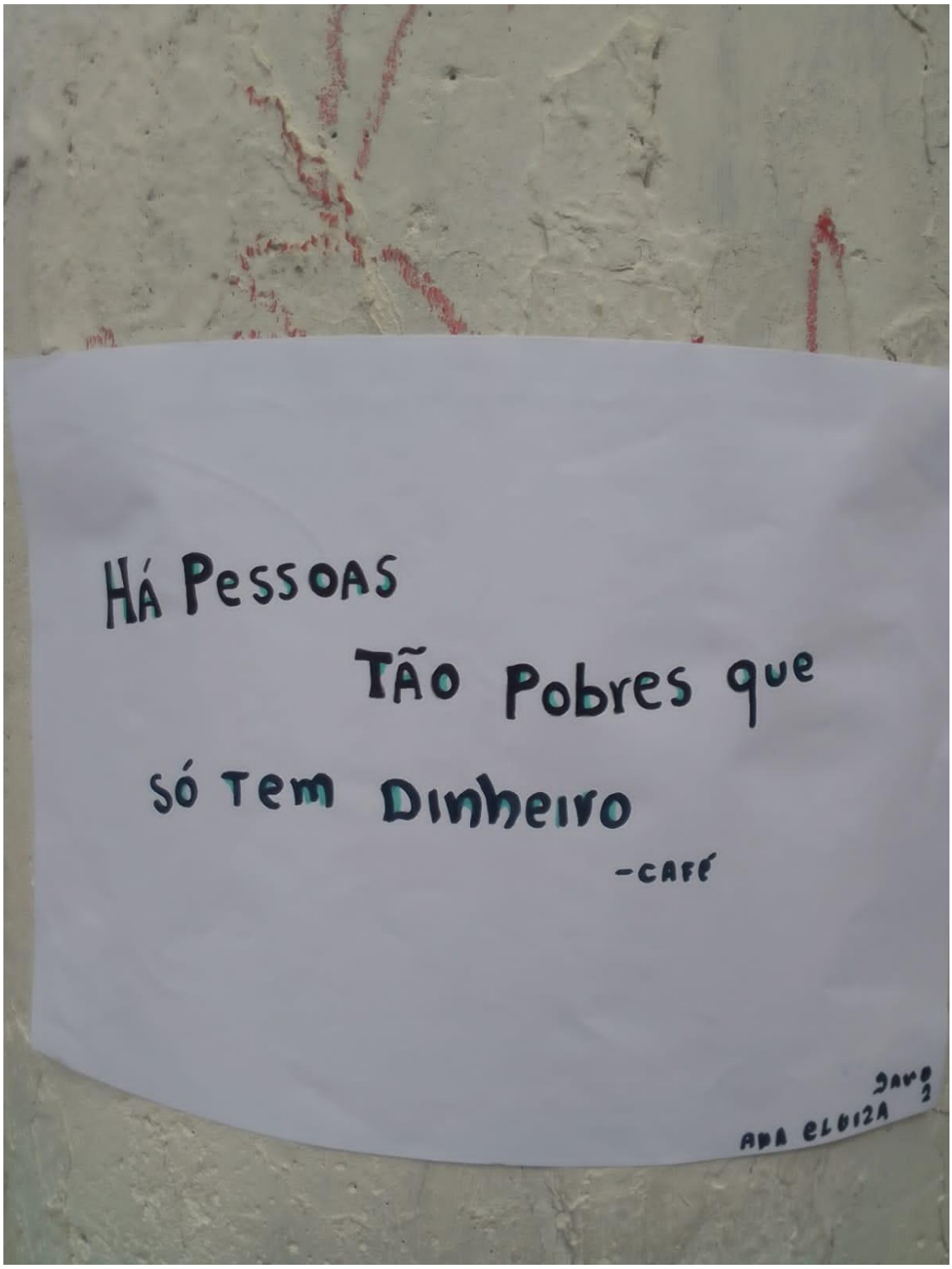


Fonte: fotografia elaborada pelo pesquisador, 2022.

Figura 31. Estudante realizando a intervenção com cartazes.

Fonte: fotografia elaborada pelo pesquisador, 2022.

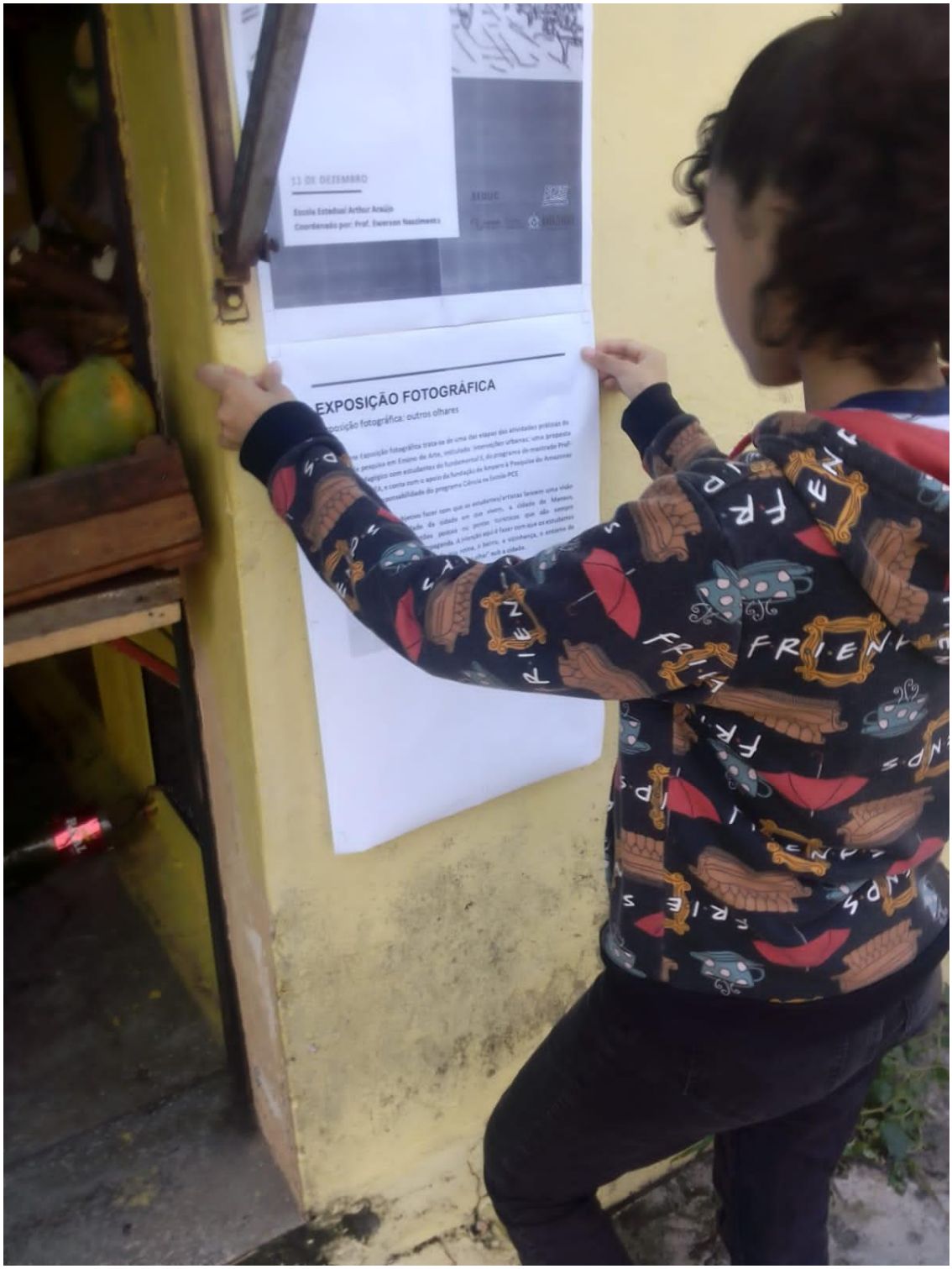
Figura 32. Cartaz da intervenção com cartazes.



Fonte: fotografia elaborada pelo pesquisador, 2022.

6.2.3.2. Atividade de prática artístico/pedagógico 2: Instalação com exposição fotográfica - “Outros olhares”. (figuras 33, 34, 35 e 36)

Figura 33. Estudante colando o cartaz da instalação com exposição fotográfica



Fonte: fotografia elaborada pelo pesquisador, 2022.

Figura 34. Estudante montando a exposição fotográfica.

Fonte: fotografia elaborada pelo pesquisador, 2022.

Figura 35. Estudante montando a exposição fotográfica.

Fonte: fotografia elaborada pelo pesquisador, 2022.

Figura 36. Imagem da exposição fotográfica: outros olhares.

Fonte: fotografia elaborada pelo pesquisador, 2022.

6.2.3.3. Atividade de prática artístico/pedagógico 3: Intervenção com Estêncil Art. (figuras 37, 38, 39, 40, 41 e 42)

Figura 37. Estudante aplicando tinta spray sobre matriz de estêncil.

Fonte: fotografia elaborada pelo pesquisador, 2022.

Figura 38. Estudante preparando a matriz de estêncil para a intervenção.

Fonte: fotografia elaborada pelo pesquisador, 2022.

Figura 39. Estudante aplicando tinta spray sobre matriz de estêncil.

Fonte: fotografia elaborada pelo pesquisador, 2022.

Figura 40. Estudante aplicando tinta spray sobre matriz de estêncil.

Fonte: fotografia elaborada pelo pesquisador, 2022.

Figura 41. Professor orientando a atividade.

Fonte: fotografia elaborada pelo bolsista PCE, 2022.

Figura 42. Resultado final da Intervenção com Estêncil.

Fonte: fotografia elaborada pelo pesquisador, 2022.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Demos este trabalho como concluído, na medida em que respondeu a mais importante questão levantada a essa discussão: será possível realizar uma atividade em arte urbana fora da escola? É claro que muitas outras questões ficaram sem respostas, uma vez que os entraves que atrasaram essa pesquisa resultaram em medidas que pudessem dar continuidade ao trabalho sem perder o foco inicial. O ensino de Arte que se propõe a ultrapassar as barreiras do tradicional, do rotineiro, é sempre uma tarefa difícil. A dificuldade e os desafios, muitas vezes, nos condicionam a nos mantermos na zona de conforto, no tradicional.

Propor uma atividade que ultrapasse os limites físicos da escola, também é uma promessa desafiadora, levando em consideração os inúmeros contratempos que podem ocorrer ao longo desse processo, dos quais podemos considerar a falta de apoio, burocracia, dificuldades de materiais, entre outros. Além desses desafios administrativos, pedagógicos e de materiais, em se tratando da realidade de Manaus, temos também as intempéries climáticas. Diferente de outras regiões do país o Amazonas não tem as quatro estações bem definidas.

O ensino de arte urbana nas escolas públicas não é nenhuma novidade. Facilmente encontramos em repositórios de programas de graduação e pós-graduação inúmeras atividades realizadas fora da sala de aula ou da escola, mas o que convém aqui, é pensá-la dentro do nosso contexto, o ensino de arte na região do Amazonas, no contexto de uma escola pública da capital Manaus. Outrossim, convém levar em consideração a peculiaridade do nosso clima. O Clima Equatorial quente e úmido devido a influência da grande bacia hidrográfica que sofre grande evaporação aumentando a umidade do ar resulta também em pancadas de chuvas a qualquer momento. Ou seja, um dia bastante quente, pode ser um grande perigo para a integridade física dos estudantes e um dia de muita chuva por si só é um impeditivo para a realização das atividades externas à escola.

Consideramos, portanto, que é possível se propor uma atividade que leve os estudantes a experimentarem o espaço urbano, público, o entorno. No entanto, é preciso ter clareza de todas essas dificuldades, ter os objetivos e as estratégias definidas, buscar e formar parcerias, para que o processo de desenvolvimento ocorra em tempo hábil.

REFERÊNCIAS

AMAZONAS. **Referencial Curricular Amazonense**. Manaus: 2019.

AMAZONAS. **Proposta Curricular e Pedagógica do Ensino Fundamental.** Manaus: 2021.

Arte fora do Museu: **Raiz Campos**. Disponível em: <https://arteforadomuseu.com.br/artistas/raiz-campos/>. Acesso em 07/07/2020.

Arte pública: o que é esse estilo provocador + 6 obras famosas . Disponível em: < https://laarte.art.br/blog/arte-publica/>. Acesso em: 15 de Jun. 2021.

ARTE Pública. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo356/arte-publica>. Acesso em: 15 de Jun. 2021. Verbete da Enciclopédia.
ISBN: 978-85-7979-060-7

BACARIN, Lígia Maria Bueno Pereira. O movimento de arte-educação e o ensino de arte no Brasil: história e política - Maringá, PR. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2005.

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da. (Org.**). A Abordagem Triangular no ensino das Artes e Culturas Visuais.** São Paulo: Cortez, 2008.

BLAUTH, Lurdi; POSSA, Andrea Christine Kauer. **Arte, grafite e o espaço urbano.** Programa de pós-graduação em Artes Visuais: PALINDROMO Nº 8 –CEART/UDESC, 2012. Disponível em: <8https://revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/download/3458/2479>. Acesso em 17/01/2023

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Volume 6 – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, 2018 Mec. **Novo Ensino Medio- perguntas e respostas**. Disponível em:< http://portal.mec.gov.br/publicacoes-para-professores/30000-uncategorised/40361-novo-ensino-medio-duvidas>. Acesso em 17/01/2023

BRASIL, 2017. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm#art1>. Acesso em 17/01/2023

CAMPOS, Ricardo; SEQUEIRA, Ágata. **O mundo da arte urbana emergente: contextos e atores.** Vol. 1. 2 ed. Porto: todas as artes, 2018.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. 4ª edição, 5ª reimpressão. São Paulo: Editora Ática, 2004.

DEMINICE, Daniel; ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. **A arte de se construir cidades em meio à política local: Ribeirão Preto**, 1890-1960. 2015.Universidade de São Paulo, São Carlos, 2015. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde-26082015-162336/. Acesso em: 01 jun. 2021.

DEWEY, John**. Arte como experiência. In: os pensadores**. Trad: Murilo Leme. São Paulo: Abril S. A. Cultura e Industrial, 1974.

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. **Metodologia do Ensino de Arte.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. **A Arte na Educação Escolar.** São Paulo: Cortez, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar um projeto de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

IMBROISI, Margaret. **Intervenção artística urbana. Históriadaarte.com, s.d.** Disponível em:<https://historiadasartes.com/sala-dos-professores/intervencao-artistica-urbana/>. Acesso em 18/06/2020.

LOWENFELD, Viktor; BRITTAN, W.L. **Desenvolvimento da capacidade criadora.** Trad: Alvaro Cabral. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MARZADRO, Flavio. **Espaço público, arte urbana e inclusão social** public space, urban art and social inclusion. Revista NAU Social, 2013 - v.3, n.5, p. 169-183 Mai / Out 2013

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa cientifica em ciências sociais.** 2 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

PAIVA, Marlon Maria; SCHICCHI, Cristina da Silva. **Regeneração Urbana e espaços públicos locais: a Praça Roosevelt em São Paulo**. In: XVIII ENANPUR, 2019, Natal. Anais [...]. Natal: Anpur, 2019. ISSN: 1984-8781. Disponível em: http://anpur.org.br/xviiienanpur/anaisadmin/capapdf.php?reqid=1170

PALLAMIN, Vera Maria. **Arte urbana:** São Paulo: Região Central (1945-1998): obras de caráter temporário e permanente / Vera Maria Pallamin, - São Paulo: Annablume: Fapesp, 2000.

READ, H. **A educação pela arte.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

REMESAR, Antoni; SILVA, Fernando Nunes da**. Regeneração urbana e arte pública**. In: ANDRADE Pedro de; MARQUES Canos Almeida; BARROS José da Cunha (Coord.) Arte Pública e Cidadania: Novas leituras da cidade criativa. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2010

SANTOS, Cicília dias dos. **A formação e produção do espaço urbano: discussões preliminares acerca da importância das cidades médias para o crescimento da rede urbana brasileira**. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, Tuabaté, •v. 5, n. 1, p. 177-190, jan-abr. 2009. Disponível em: https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/188. Acesso em: 02 jun. 2021.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** / Milton Santos. - 4. ed. 2. Reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, Maria Cristina da Rosa Fonseca da. (Org.). **Cadernos de Docência: Contribuições para a formação em Artes Visuais.** Florianópolis: AAESC, 2016.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** 2 ed. São Paulo : Cortez : Autores Associados, 1986.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **A construção do conhecimento em sala de aula.** São Paulo: Libertad, 2000. (Cadernos Pedagógicos do Libertad; v. 2).